



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

LUÍSA NASCIMENTO SANTOS

POPULISMO E EUROCRETICISMO EM CIDADÃOS DA UNIÃO EUROPEIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Ciência Política, sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Barros de Albuquerque.

Recife, 2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Santos, Luísa Nascimento.

Populismo e Euroceticismo em cidadãos da União Europeia / Luísa Nascimento Santos. - Recife, 2024.
63p.: il.

Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.

Orientação: Rodrigo Barros de Albuquerque.

1. Populismo; 2. Euroceticismo; 3. União Europeia. I. Albuquerque, Rodrigo Barros de - Orientador. II. Título.

UFPE-Central

Populismo e euroceticismo em cidadãos da União Europeia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Ciência Política, sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Barros de Albuquerque.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Rodrigo Barros de Albuquerque
(orientador) Programa de Pós-Graduação em
Ciência Política da UFPE

Prof. Dr. Diogo Arruda Carneiro da Cunha
Programa de Pós-Graduação em Ciência
Política da UFPE

Prof. Dr. Ian Batista Rebouças

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, João e Jeane, pela dedicação e força em todas as etapas da minha educação. Sem o apoio de vocês isso não seria possível.

Agradeço ao meu orientador Rodrigo por toda paciência e orientação necessária para a finalização de mais uma etapa. Agradeço pela disponibilidade, atenção e conversas, a orientação de Rodrigo me segue desde o TCC e me sinto muito grata pela companhia.

Agradeço à Fernanda por me ajudar de todas as formas possíveis, seus braços me amparam nos momentos difíceis e sua celebração me acompanha nos momentos felizes.

Agradeço aos meus amigos Guilherme, Sophia e Jad por todos os momentos de folga e encorajamento nestes últimos anos. Vocês sabem a importância que têm. Agradeço à Luka, Agnes, Matheus e João pelas conversas e discussões, cada momento foi necessário para me trazer paz e tranquilidade.

Agradeço à CAPES pelo financiamento da bolsa de mestrado. Agradeço aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPE, bem como aos professores e aos funcionários pelos momentos de estudo e aprendizado. Agradeço, ainda, aos colegas do CEURO pelas reuniões e discussões acadêmicas.

*“Vamo acordar, vamo acordar
Agora vem com a sua cara, sou mais você nessa guerra
A preguiça é inimiga da vitória
O fraco não tem espaço e o covarde morre sem tentar
Não vou te enganar, o bagulho tá doido e ninguém confia em ninguém
Nem em você, os inimigos vêm de graça
É a selva de pedra, ela esmaga os humildes demais
Você é do tamanho do seu sonho, faz o certo, faz a sua.”*

Racionais MC's

RESUMO

Como a presença de partidos eurocéticos e populistas de esquerda e direita radical afetam a construção de atitudes de cidadãos europeus? Esta é a pergunta de pesquisa que guia essa dissertação. Pretende-se discutir a literatura acerca dos modos de euroceticismo presentes na UE (União Europeia), o ressurgimento de partidos populistas e sua influência na construção de atitudes individuais. A ascensão da direita radical e esquerda radical, na União Europeia (UE), é marcada por altos índices de euroceticismo, nacionalismo e xenofobia que coloca em cheque os valores e objetivos da instituição. Desse modo, através da análise exploratória realizada no software estatístico R para a testagem das hipóteses, encontramos resultados mostrando que a partir da multidimensionalidade do euroceticismo e populismo podemos encaixar determinadas atitudes quanto a dimensões de aversão a atitudes relacionadas à integração europeia, entre a direita radical e a esquerda radical.

Palavras-chave: euroceticismo; populismo; multidimensionalidade; atitudes individuais; análise exploratória.

ABSTRACT

How does the presence of Eurosceptic and populist parties on the radical left and right influence the constructions of attitudes of European citizens? This is the research question that will guide this dissertation. The aim is to discuss the literature on the modes of Euroscepticism present in the EU (European Union), the resurgence of populist parties and their influence on the construction of individual attitudes. The rise of the radical right and radical left in the EU is marked by high levels of euroscepticism, nationalism and xenophobia that call into question the values and objectives of the institution. Through the exploratory analysis carried out in the statistical software R to test the hypotheses, we found results showing that based on the multidimensionality of Euroscepticism and populism, we can fit certain attitudes to dimensions of aversion to attitudes related to European integration, between the radical right and the left.

Key-words: euroscepticism; populism; multidimensionality; individual attitudes; exploratory research.

Lista de Figuras

Figura 1 - Número de artigos publicados por ano.....	17
Figura 2 – Partidos eurocéticos por país.....	35
Figura 3 – Partidos populistas por país.....	36
Figura 4 – Partidos da extrema direita por país.....	37
Figura 5 - Partidos da extrema esquerda por país.....	37
Figura 6 - Histogramas das variáveis.....	39
Figura 7 - Intervalos de confiança para os dois grupos de variáveis.....	42
Figura 8 - Estatísticas descritivas variáveis dos grupos 1 e 2.....	44
Figura 9 - Média trstep por round.....	45
Figura 10 - Média trstep por país.....	46
Figura 11 - Média eufuf por round.....	47
Figura 12 - Média eufuf por país.....	47
Figura 13 - Correlações das variáveis do grupo 1.....	49
Figura 14 – Correlações das variáveis do grupo 2.....	50
Figura 15 – Média imbgeco, imueclt e imwbent.....	51
Figura 16 - Evolução das médias das variáveis por País e round.....	52
Figura 17 – Evolução das médias ipeqopt, iphlpl, ipudrst por round.....	53
Figura 18 – Evolução das médias ipeqopt, iphlpl, ipudrst por País e round.....	54
Figura 19 – Quantidade de votos de partidos de direita radical e esquerda radical.....	55
Figura 20 – 5 Países com mais votos para Partidos de Direita Radical.....	56
Figura 21 - 5 Países com mais votos para partidos de Esquerda Radical.....	56
Figura 22 - Partido mais votado para a Direita Radical.....	57
Figura 23 - Partido mais votado para a Esquerda Radical.....	58

Lista de tabelas

<u>Tabela 1 – Conceitos de euroceticismo.....</u>	<u>21</u>
<u>Tabela 2.....</u>	<u>29</u>
<u>Tabela 3 - Rotulagem e código das variáveis.....</u>	<u>34</u>

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>9</u>
<u>1. EUROCRETISMO NA EU: ORIGENS E DEFINIÇÕES.....</u>	<u>12</u>
1.1 Eurocretismo frente a agenda europeia.....	13
1.2 O objeto teórico do eurocretismo.....	16
1.3 Ideologias finas, eurocretismo e populismo.....	22
1.4 As diferenças entre esquerda e direita no campo político europeu.....	26
1.5 Hipóteses.....	28
<u>2. DADOS E MÉTODO.....</u>	<u>32</u>
2.1. Rotulação das variáveis.....	33
2.1.1. <i>European Social Survey</i>	38
2. 1. 2. Variáveis independentes.....	39
2.2. Análise exploratória.....	42
<u>3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</u>	<u>44</u>
3.1. Confiança no PE e apoio a integração europeia.....	45
3.2. Correlações entre os grupos 1 e 2.....	48
3.3. Discussão.....	50
<u>CONCLUSÃO.....</u>	<u>59</u>
<u>Referências.....</u>	<u>60</u>

INTRODUÇÃO

Como a presença de partidos eurocéticos e populistas de esquerda e direita radical afetam a construção de atitudes de cidadãos europeus? Esta é a pergunta de pesquisa que guiará essa dissertação, de forma que se pretende discutir a literatura acerca dos modos de euroceticismo presentes na UE (União Europeia), o ressurgimento de partidos populistas e sua influência na construção de atitudes individuais.

A importância do tema de pesquisa se encontra, em sua atualidade, na cena política europeia e global. A ascensão da direita radical e esquerda radical na União Europeia (UE) é marcada por altos índices de euroceticismo, nacionalismo e xenofobia, o que coloca em cheque os valores e objetivos da instituição. Segundo Henley (2020), o apoio a partidos eurocéticos dobrou em duas décadas, de maneira que 16% dos votos na Europa, em 2019, foram para partidos da direita radical. O jornal *Deutsch Welle* (2019) aponta que um em cada dez europeus planejava apoiar partidos de direita radical nas eleições do Parlamento Europeu (PE) em 2019. Nessa esteira, partidos da direita radical como o FPÖ (Áustria), RN (França), Vox (Espanha), AfD (Alemanha), Lega Nord (Itália) são apenas alguns dos exemplos de grupos políticos que caracterizam as críticas contra a unidade da UE.

Markakis (2020) argumenta que a arquitetura institucional e regulatória das relações internacionais não está funcionando apropriadamente, principalmente nos casos de integração regional, como na UE. O autor ainda implica isto ao mau funcionamento, às crises de dívida, às crises na zona do euro e às divergências internas. Em síntese, todas essas problemáticas foram de extrema importância para a ascensão dos partidos da direita radical e esquerda radical, bem como para que sua retórica fosse ouvida e legitimada. Diante disso, a comprovada ascensão dos partidos de direita radical na Europa, ao colocarem em xeque as instituições e políticas da UE, também expõem ao perigo o processo de integração europeu, ao passo que tais partidos e seus apoiadores se distanciam das políticas migratórias, econômicas e sociais disseminadas pelo bloco, ou seja, a própria substância da integração europeia é posta em dúvida.

No Capítulo 1 será mostrado que, desde o início da integração europeia pós-1945, houve relatos de euroceticismo, porém, estes não eram presentes o suficiente para serem analisados academicamente. Após alguns anos, em contrapartida, o euroceticismo começa a marcar presença na fala de políticos, na mídia e entre a sociedade civil, trazendo consigo definições de euroceticismo relacionados a momentos históricos específicos. Quando analisamos questões relacionadas ao funcionamento da UE, existem duas distinções de

suporte à integração europeia: por um lado temos o regime, suas instituições e princípios; por outro lado, temos as comunidades e os aspectos pessoais.

Assim, podemos categorizar os dois tipos de eleitores a partir dos atributos relacionados ao suporte à UE (Boomgaarden *et al*, 2011). A relevância do tema reside na importância de compreender de que forma valores e atitudes individuais refletem na posição política de eleitores, especificamente, de que forma tais valores se diferenciam nos dois grupos (esquerda e direita), a partir de que expressam o mesmo ponto de partida: a desconfiança na UE. Dentre os fatos analisados neste projeto, pretende-se elencar, ao mesmo tempo, as mudanças na sociedade europeia que levaram à incidência de valores e atributos populistas nos cidadãos, examinando, por um lado, aspectos relacionados ao regime e às instituições do bloco e, por outro lado, os aspectos emocionais relacionados às políticas empregadas realizadas pela UE.

O termo “populismo”, que na Segunda Guerra Mundial teve maior relevância com o nazismo e o fascismo, ressurgiu novamente na década de 1990 quando processos transformacionais na política e sociedade, como integração europeia e imigração, emergem nas discussões políticas. Partidos da família da direita radical se opuseram a diversas formas de integração propostas pela União Europeia, que iam de encontro a suas ideologias e retóricas. Neste momento, tais partidos associaram, muitas vezes, o populismo ao nativismo ou autoritarismo como forma de contrapor as ideias liberais advindas daqueles que se somavam ao bloco econômico (Mudde; Kaltwasser, 2017).

A partir da crise de 2008, a crise de refugiados de 2015 e o Brexit, partidos populistas despontam como grande força antagônica quanto aos pontos liberais e multilaterais evocados pela UE. Um ponto importante em relação à atuação de partidos populistas na Europa consiste na sua implicação na visão de cidadãos europeus sobre o projeto de integração europeu, e os pontos relacionados à democracia liberal que o bloco defende.

À esquerda do espectro político existe a noção de que o controle de políticas econômicas, por parte da UE, dá margem a elites neoliberais exercerem poder sobre classes sociais mais pobres, contribuindo com a insegurança econômica destas (Braun *et al*, 2019). Da mesma forma, podemos compreender que a família partidária em que se encontra a direita radical tende a enxergar a Europa em termos culturais, enquanto outras famílias enxergam o continente através da geografia e economia, assim, é mais fácil compreender a oposição específica de cada um dos grupos partidários em relação a escopos da integração europeia (Vasilopoulou, 2013).

Ademais, isso também se relaciona à multidimensionalidade euroceticista, que prevê a aversão à UE de diversas formas frente a contextos distintos. Com isso, os resultados encontrados no Capítulo 3 é possível observar que a presença de partidos populistas e eurocéticos pode mudar as atitudes de europeus em relação às distinções utilitaristas, específica, afetiva e difusa que serão destrinchadas mais à frente. A análise exploratória empregada neste capítulo teve por objetivo analisar a fundo as variáveis selecionadas no banco de dados e destrinchar as estatísticas delas, para determinar novas hipóteses, identificar *outliers* e conhecer a natureza dos dados de forma evolutiva.

O primeiro capítulo faz um apanhado histórico e discute o início do euroceticismo na UE, além introduzir as conceituações de euroceticismo frente aos períodos específicos da história europeia. Quanto ao segundo capítulo, este descreve os dados a serem utilizados, bem como a atuação do *European Social Survey* na construção de métodos de análise para pesquisas em *survey* e, por fim, é introduzido o método de análise exploratória. Já o terceiro capítulo aplica o método de análise exploratória quanto aos dados encontrados no *survey*. Quanto à conclusão, a conclusão faz um resumo geral do que foi discutido na dissertação e traça planos futuros de pesquisa. Por fim, discute ainda quais são as deficiências do trabalho e como elas podem ser diminuídas em agendas futuras.

1. EUROCRETICISMO NA EU: ORIGENS E DEFINIÇÕES

Muito se elabora sobre o início do marco temporal do eurocreticismo na UE. Desse modo, dentre as discussões existem algumas vertentes que agregam diferentes inícios ao debate eurocético. Há aqueles que demarcam o início nos meados da década de 1970, quando Reino Unido, Irlanda e Dinamarca se uniram ao bloco, momento este em que a UE começa a emergir como problema doméstico (Usherwood; Startin, 2012). Já outros o demarcam nos meados da década de 1980 e início dos anos 1990, em que houve a assinatura do Tratado de Maastricht (Brack; Startin, 2015), assim como há ainda outros que traçam uma recapitulação desde o final da Segunda Guerra Mundial (Crespy; Verscheuren, 2009).

Em termos históricos, foi logo após o fim da Segunda Guerra, com a criação do Conselho da Europa, que, após a morte de mais de 75 milhões de pessoas no conflito, tinha por objetivo promover a democracia e proteger os direitos humanos. O segundo passo para a integração europeia ocorreu em 1951 com a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), com apenas seis países signatários (Bélgica, Alemanha, França, Itália e Países Baixos), de forma que estes tinham, por objetivo principal, a livre circulação de carvão e aço e das fontes de produção, mas caducou após 50 anos de criação em 2002 (Tratado CECA, 2017). Em 1957, os mesmos signatários da CECA assinam mais dois tratados que instituem a Comunidade Econômica Europeia (CEE) e a Comunidade Europeia de Energia Atômica (Euratom). A década de 1960 prosperou economicamente e resultou na adição de novos membros na década de 1970.

Assim, conforme visto no parágrafo anterior, nas décadas de 1980 e 1990, foram expandidas ainda mais os projetos de integração europeia, com a criação da moeda única, adesão de mais países e livre circulação de pessoas. Com certeza, devemos ressaltar a importância do Tratado de Maastricht, em 1992, que estabeleceu as regras da moeda única, cooperação para segurança e política externa. Como resultado, a União Europeia conforme conhecemos hoje entra em vigor em 1º de janeiro de 1993 (União Europeia, 2024).

Portanto, sim, a UE surgiu a partir da vigência do Tratado de Maastricht, mas através desta retrospectiva o início de qualquer forma de integração europeia foi, de fato, após a Segunda Guerra. Dito isto, o que se deve levar em consideração é que a ideia de promoção de democracia e proteção de direitos humanos, pautados no pós-guerra, através da cooperação entre um grupo de seis países, já se torna algo marcante para aqueles favoráveis a um projeto de integração europeu e os contrários. É importante dar ênfase aqui que o eurocreticismo surge a partir do momento em que a ideia de integração é colocada em pauta, e se forem considerados os números, é uma ideia de quase 80 anos presente na história da população

europeia, até mesmo daqueles que não fazem parte da UE. Em síntese, são 80 anos de debates entre eurocéticos e eurófilos¹.

1.1 Euroceticismo frente a agenda europeia

Os primeiros anos pós-guerra foram de reconstrução na Europa. Nesse sentido, com a ajuda do Plano Marshall os governos europeus buscavam a reestruturação econômica de seus países e contavam ainda com o início dos entraves entre Europa ocidental e Europa oriental. Entre 1952 e 1973, ocorreu a chamada fase de implementação, em que os integrantes da CECA entraram em consenso de que somente uma instituição supranacional conseguiria superar os maus resultados do século XIX e início do século XX. Porém, mesmo no início, existiam divergências entre os integrantes sobre qual seria a finalidade política de uma Europa integrada; de um lado, o apoio ao federalismo; de outro, o apoio a Estados confederados; já na terceira via, a vontade de deixar a questão sobre finalidade política em aberto (Elvert, 2008).

No entanto, em sua maioria, o consenso prevaleceria entre as elites dos seis países europeus que buscavam a renovação econômica após o fim da Segunda Guerra. Neste momento, acadêmicos também não se importavam com o início da discussão eurocética e a colocavam à margem como um fenômeno passageiro (Usherwood; Startin, 2012).

Acadêmicos (Crespy; Verscheuren, 2010; Vasilopoulou, 2012; Brack; Startin, 2015) colocam o fenômeno euroceticismo como marginal logo após 1945, isto porque nos primeiros anos de pós-Guerra o debate sobre o processo de integração ainda era muito raso e dava seus primeiros passos. Além disso, os países europeus que mais sofreram com a guerra precisavam de auxílio econômico para sua reestruturação, então, a criação da CECA serviria também como fonte para a recomposição econômica.

Dessa maneira, mesmo ainda que marginal, a oposição à integração europeia já era discutida entre as elites políticas da época e existiam divergências entre os integrantes sobre qual seria a finalidade política de uma Europa integrada, visto que havia, de um lado, o apoio ao federalismo, de outro, o apoio a Estados confederados, e na terceira via, a vontade de deixar a questão sobre finalidade política em aberto (Elvert, 2008).

No final dos anos 1950, os seis países da CECA optaram por estender ainda mais sua cooperação econômica, e em 1958 entrou em vigor o Tratado de Roma, responsável pela criação da Comunidade Econômica Europeia. Com a assinatura do Tratado, tem-se aqueles que eram favoráveis à integração e aqueles que a viam apenas como um meio para reverter os

¹Priberam Dicionário de Língua Portuguesa: <https://dicionario.priberam.org/eur%C3%B3filo>.

danos econômicos da guerra (Vasilopoulou, 2012). Leconte (2010) também aponta que este período não foi marcado por grandes mudanças institucionais e os sistemas partidários ainda não contavam com novos partidos que poderiam articular uma posição eurocética, dois fatores estes que também contribuíram para a marginalidade do tema nos anos pós-Guerra. Assim, diante dos primeiros anos de integração europeia, o maior propulsor foi a recuperação econômica que mais à frente impulsionou o debate sobre o caráter supranacional que representaria o futuro da integração.

Na década de 1960, o debate sobre a finalidade da integração europeia ganhou mais força e impulsionou novos atritos sobre o futuro do projeto europeu. A França, através de Charles de Gaulle, foi o primeiro país da CEE a demonstrar publicamente seu descontentamento com a evolução da integração europeia. Em 1965, De Gaulle retirou os representantes franceses de Bruxelas, de modo que colocou a França contra a proposta de financiamento da agricultura através da Política de Agricultura Comum e contra a proposta de voto majoritário entre os seis integrantes. Essa foi uma das primeiras crises enfrentadas pela CEE. Neste momento, aliás, a posição de Gaulle foi uma representação do receio de perda de soberania frente a uma instituição supranacional, de forma que se temia que a independência nacional fosse minada pelos poderes da instituição, causando desgastes econômicos e políticos aos países signatários (Leconte, 2010).

Mais à frente, em 1973, o Reino Unido se torna mais um dos signatários da CEE e marca um ponto crucial para a evolução do debate sobre o futuro da integração. Com os primeiros passos em direção à integração alinhados, parte do PIB dos países-membros seria destinado ao projeto de integração. Em 1979, as receitas britânicas aumentaram em 7% colocando o país em uma posição confortável internamente. No entanto, tal aumento resultou em uma maior contribuição com o resto da CEE. Nesse momento, o Reino Unido contribuía anualmente com 1 bilhão de libras esterlinas, o que o posicionava como segundo maior contribuinte no bloco.

O desequilíbrio resultante dessa contribuição trouxe um novo discurso apresentado por Margaret Thatcher, então premiê britânica, que era baseado no lema *“take our money back”* e exprimia que renegociações eram necessárias para que a filiação na Comunidade valesse os custos. Dessa forma, podemos observar que de um lado existia Thatcher, que a qualquer custo aspirava à preservação da economia britânica, e do outro lado a Comunidade Econômica Europeia buscava construir coalizões para conseguir colocar o projeto europeu nos trilhos (Crowson, 2007).

De certa forma, o debate sobre integração europeia e quais seriam seus riscos, começou a ter mais força com a entrada do Reino Unido na CEE. A postura eurocética de Thatcher trouxe discussões acerca da perda de soberania dos Estados frente a instituição supranacional e o arranjo de interesses nacionais diante da CEE.

O Ato Único Europeu² (1986) trouxe uma nova adição aos objetivos da CEE, a saber: a cooperação política entre os Estados. Assim, os processos de tomada de decisão da CEE permitiriam votos majoritários em discussões que abarcavam o mercado interno dos Estados. Associado a isso, foram expandidas as competências da Comunidade Europeia a fim de desenvolver pesquisas voltadas para política regional, meio ambiente e políticas sociais.

Na parte institucional, foi criado um secretariado que era responsável pela cooperação política entre os países. O Ato Único Europeu foi desenvolvido a partir de algumas consequências, o reconhecimento dos Estados-membros de que seria necessário um desdobramento para política cooperativa, que trata tanto de assuntos internos como externos, para mudar as relações político-econômicas com os EUA. Além disso, pode-se trazer discussões intergovernamentais que já apoiavam a criação do Ato Único, com apoio também da Comissão Europeia e atores econômicos em favor do livre mercado (Cowles, 2012).

A UE, como é conhecida atualmente, desenvolve-se a partir da assinatura do Tratado de Maastricht em 1992³. O Tratado foi negociado a partir de duas frentes, de maneira que era necessário que houvesse a regulamentação e institucionalização da união econômica e monetária, como também da união política entre os Estados. Von Hagen (2008) argumenta que, ao passo que a integração econômica, monetária e fiscal ficava cada vez mais palpável, o desenvolvimento da integração política se tornava conflituoso entre os membros. Com isso, Maastricht marca a evolução de um projeto intergovernamental para uma política multinível (Van Elsas; Van Der Brug, 2014).

1.2 O objeto teórico do euroceticismo

Hooghe e Marks (2004) apresentam que o objeto central do euroceticismo é dinâmico e que a diferenciação entre aqueles favoráveis à integração regional apresenta explicações diferentes em contextos distintos. De forma similar, podemos trazer este pensamento para a

²European Parliament – Single European Act: <https://www.europarl.europa.eu/about-parliament/en/in-the-past/the-parliament-and-the-treaties/single-european-act>.

³European Parliament – Treaty on European Union (TEU) / Maastricht Treaty. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/about-parliament/en/in-the-past/the-parliament-and-the-treaties/maastricht-treaty..>

distinção entre eurófilos e eurocéticos, em que um se opõe ao outro. Ademais, se construirmos um contínuo de oposição e afeição em relação à UE, teremos cada um em um extremo. Todavia, em meio aos dois extremos, existem alguns pontos que diferenciam o tipo de oposição enfrentada pela UE, cuja sua multidimensionalidade se traduz para a oposição e apoio. Nos últimos anos, vemos a incidência de estudos que tratam de diversos aspectos da UE como imigração, política social, política econômica, integração e outros (Miranda, 2020; Stockemer *et al*, 2018; Lubbers; Scheeper, 2010).

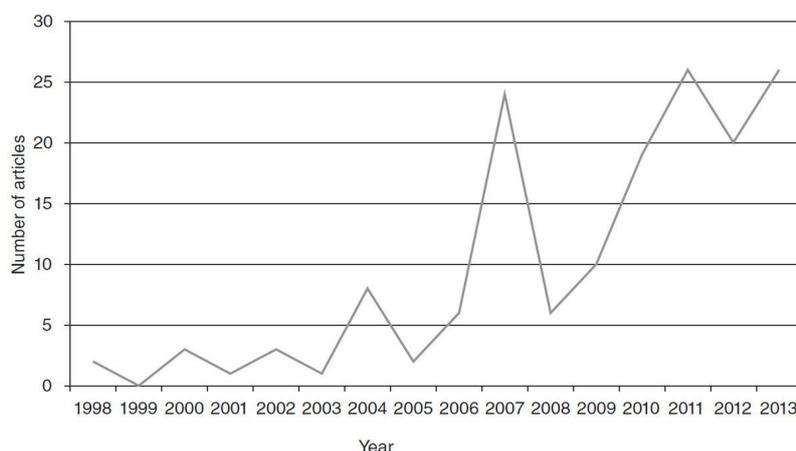
O euroceticismo, enquanto objeto de estudo por parte da academia, passou a ser discutido apenas na década de 1990, momento em que o Tratado de Maastricht foi assinado. A partir do momento em que os cidadãos europeus viram a mudança do que, antes, era um projeto liderado por elites para prosperidade econômica este se tornou um projeto de governança supranacional, econômica e monetária, de forma que o ceticismo em relação a essa nova forma de governo começou a ser discutido.

De certa forma, isso também foi importante para o estudo sobre opinião pública em relação à UE, já que anteriormente a maioria dos estudos era voltada para o apoio ao projeto de integração (De Vries, 2018) e aos estudos relacionados ao euroceticismo a nível partidário. Leconte (2015) relata que, no início dos anos 2000, existia uma discussão acadêmica sobre a falta de cientificidade do termo, já que este era amplamente usado pela mídia e em discursos políticos. Da mesma forma, houve debates em relação à elasticidade do termo que explicava muitas dimensões do que seria a desaprovação ao processo de integração europeia. Deve-se pontuar, nesse sentido, que a partir do momento que o termo euroceticismo passou a ser corroborado cientificamente, muito se desenvolve sobre tipos diferentes de euroceticismo e até mesmo sobre o conceito do termo de forma geral.

Além disso, algo que já foi retratado por outros autores é que antes da introdução política ao projeto de integração, acadêmicos não enxergavam o euroceticismo enquanto nada maior do que um estudo periférico (Brack; Startin, 2015). Contudo, a partir da introdução da cooperação política pelo Ato Único Europeu e a assinatura do Tratado de Maastricht, questões sobre política e cultura se tornaram mais relevantes, assim como agregaram relevância ao estudo do euroceticismo (Lubbers; Scheeper, 2010). Neste momento, também pode ser observado que, com a integração política entre os membros, as divisões entre assuntos de política europeia e política doméstica se tornam muito parecidas e a opinião pública muda o foco de compreender os prós e contras da membresia para uma discussão mais racional para entender por qual caminho seguia a integração europeia (Usherwood; Startin, 2012).

Nessa perspectiva, a partir do momento em que o euroceticismo começa a tomar espaço nas discussões acadêmicas, ainda era necessário uma definição que não fosse uma palavra guarda-chuva e, ao mesmo tempo, colocasse em evidência a multidimensionalidade do termo. Taggart e Szczerbiak trazem um gráfico que enuncia o número de artigos publicados sobre euroceticismo entre 1998 e 2013, de maneira que nele podemos observar que um aumento substantivo no número de artigos aconteceu entre 2003 e 2004, e novamente entre 2006 e 2007, o que cresceu ainda substancialmente após 2008. Também podemos observar que os trabalhos que contaram com maior rigor científico foram publicados nestes intervalos.

Figura 1 - Número de artigos publicados por ano



Fonte: Taggart e Szczerbiak (2018)

Os trabalhos postos como seminiais no estudo do euroceticismo escritos por Taggart (1998) e Taggart e Szczerbiak (2004) colocam que euroceticismo, em seu íterim, expressa oposição ao processo de integração europeia. Os autores introduziram academicamente o termo e o analisaram a nível partidário, trazendo uma definição dupla entre *hard euroscepticism* e *soft euroscepticism*. Dito isto, primeiro implica quanto à rejeição do projeto de integração como um todo e o coloca como propulsor de valores negativos; já o segundo se opõe a competências específicas da UE. Essas definições foram importantes como ponto de partida para a conceituação do termo e para análise das diferenciações existentes entre os partidos eurocéticos, bem como marcaram o início da análise de apoio à integração por meio da Política Comparada.

Mais à frente, seguindo a mesma forma de categorização do termo, Kopecky e Mudde (2002) analisam o euroceticismo a partir da diferenciação entre apoio difuso e específico trazido por Easton (1975). Os autores propõem uma nova análise que supere a definição trazida por Taggart e Szczerbiak (2004), e que foi criticada por sua falta de especificidade na definição de *soft euroscepticism*, e a confusa distinção entre estas duas definições. Os autores, então, buscam uma definição mais precisa e, com isso, postulam que o apoio específico pode ser compreendido como a forma pelas quais os cidadãos se satisfazem com resultados e desempenho das figuras políticas.

Importante aqui é trazer que o apoio específico é voltado para políticas públicas, ações dos governantes e declarações, de forma que o apoio específico é espelho do resultado das ações do governante. O apoio difuso não apresenta uma resposta tão imediata, porém, mais duradoura e independente de performance como o específico. O objeto do apoio difuso não consiste nos políticos apenas, mas, especialmente nos cargos e instituições que os abrigam (Easton, 1975). A partir da diferenciação dos tipos de apoio, os autores também propõem a análise partidária dentro de quatro dimensões do euroceticismo, *euroenthusiasts*, *europragmatists*, *eurosceptics* e *eurorejects*⁴.

Boomgaarden *et al* (2011) também amarram a definição de euroceticismo e os diferentes níveis de apoio à UE, a partir dos conceitos de apoio difuso e específico de Easton (1975). Boomgaarden *et al* (2011) sugere que o apoio ou rejeição à UE seja compreendido a partir de dois grupos, ou seja, o primeiro é utilitário e foca na resolução de problemas específicos, e o segundo é afetivo e difuso, tendo como foco a rejeição política ao projeto de integração.

Similarmente, os autores propõem que o objeto de apoio ou rejeição seja também colocado em dois grupos: aqueles que rejeitam o regime, seus processos e instituições e aqueles que rejeitam a comunidade, seu território e identidade. É importante postular que, após os trabalhos de Taggart e Szczerbiak (1998; 2004), o debate em relação ao euroceticismo conta cada vez mais com conceituações que fogem do nível partidário e estatal para o nível público. Isso se dá pelo fato de que, antes da assinatura do Tratado de Maastricht, a discussão em relação à integração europeia não era tão difundida, como também se debruçava sobre a economia, livre mercado e cooperação econômica. Ao mesmo passo, a incidência de partidos políticos que adotavam o euroceticismo como bandeira era muito pequena frente aqueles que eram a favor da integração.

⁴Para mais informações sobre as dimensões de apoio a UE por Kopecky e Mudde (2002): <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1465116502003003002?journalCode=eupa>.

Diante do exposto, ao lado da discussão proposta por Boomgaarden *et al* (2011), Lubbers e Scheepers (2010) analisam a mudança do euroceticismo entre 1994 e 2004, as evidências mostram que, a partir de 1992, podemos ver diferentes tipos de euroceticismo que entram em voga. O euroceticismo político aparece como consequência da assinatura do Tratado de Maastricht e revela oposição ao caráter supranacional da UE e também os processos de tomada de decisão que, agora, devem tratar da política doméstica e da política europeia lado a lado.

Desse modo, os autores classificam o euroceticismo político como oposição à adesão à UE, tendo como principal crítica o caráter supranacional da instituição que favorece a cooperação entre Estados. Já ao lado deste, o euroceticismo instrumental é definido por considerar a membresia não benéfica. Por fim, a não identificação com a UE é caracterizada por sentir-se mais nacional (alemão, espanhol, português) do que Europeu. Os dois trabalhos, de Lubbers e Scheepers (2010) e Boomgaarden *et al* (2011), dialogam entre si ao superarem as conceituações de euroceticismo apenas a nível partidário e trazerem a discussão sobre euroceticismo a nível individual.

Somada à nova era acadêmica que analisa o euroceticismo a nível individual, Leconte (2010) volta atrás e propõe um conceito de euroceticismo que se encaixa ao nível do indivíduo, cujo argumento consiste de que eurocético seria qualquer pessoa que apresenta ceticismo no tocante à integração europeia, tendo em mente que o apoio público à integração não deriva de valores teóricos ou normativos, e deve ser estudado a partir da lógica de custos e benefícios através de nacionalidades distintas. Para além, a autora argumenta que o euroceticismo está intrincado em um contexto muito maior do que apenas estudos sobre partidos ou estudos sistêmicos, isto porque a mídia, as instituições nacionais e as elites políticas são responsáveis por filtrarem o que pode ser considerado como “Europa”.

Com efeito, dentro de seis décadas, a integração europeia passou por diversas crises e reconstituições, de maneira que os maiores resultados vieram após a assinatura do Tratado de Maastricht com a proposta de união política entre os Estados. No entanto, desde a era Thatcher podemos observar vislumbres da construção do euroceticismo político e individual. Abaixo, trago uma tabela que resumo os principais tipos de euroceticismo conceituados na literatura e a sua descrição.

Tabela 1 – Conceitos de euroceticismo

Conceito	Descrição	Autores
Euroceticismo	– Principalmente advindo do Reino	Crowson, 2007.

Thatcher	Unido, baseada na preservação da economia britânica. Margaret Thatcher como maior propulsora.	
Euroceticismo político	Resultado do Tratado de Maastricht, oposição aos processos institucionais e políticos da UE, crítica a união política entre os Estados.	Lubbers; Scheeper, 2010.
<i>Hard/soft euroscepticism</i>	<i>Hard euroscepticism</i> : oposição ao processo de integração regional como um todo; <i>Soft Euroscepticism</i> : oposição a competências específicas da UE.	Taggart, 1998; Taggart; Sczerbiak, 2004.
Euroceticismo individual	Euroceticismo para além de partidos políticos. Eurocético como qualquer pessoa que apresentam ceticismo em relação a integração europeia.	Leconte, 2010.
Euroceticismo multidimensional	Outra forma de enxergar o euroceticismo para além dos partidos. Indivíduos podem ser eurocéticos em diversas frentes de atuação da UE.	Boomgaarden <i>et al</i> , 2011.

Fonte: elaboração própria.

Hobolt e de Vries (2016), a partir dos dados do Eurobarómetro⁵, apontam que entre 1970 e 2015 o norte da UE (considera-se o norte como os países-membros ao norte) sempre resulta em 50% ou mais de pessoas que consideram a integração europeia como uma coisa boa, chegando a 80% na década de 1990. Contudo, ao sul da UE temos um resultado diferente, entre 1980 e 1985, nessa região o apoio à integração europeia era pouco mais de 40%.

Ao analisarem a UE enquanto política pública, as autoras em questão mostram quantitativamente aqueles que gostariam que o processo de integração fosse mais rápido e o resultado foi diferente. Ao sul, as pessoas são favoráveis a maior rapidez na integração em quase todos os períodos analisados, resultando sempre acima de 50%. Porém, ao norte, o apoio à aceleração da integração resulta entre 40% e 60%. Diante da opinião pública, De Vries (2018) traz quatro tipos diferentes de euroceticismo.

O euroceticismo de saída é caracterizado pela autora como o indivíduo que apresenta posicionamento negativo em relação ao regime e às políticas da eu, que almeja a saída de seu país do bloco. O apoio leal é característica daqueles indivíduos que determinam que os custos de saída do país do bloco são maiores do que os benefícios de ser residente de um Estado-membro. O ceticismo de regime é pautado na ideia de que a instituição UE, seus

⁵Mais informações sobre o Eurobarometro: <https://europa.eu/eurobarometer/screen/home>.

procedimentos e regras não são positivos diante da política doméstica. De forma contrária, temos também o ceticismo das políticas que implicam no benefício da instituição UE como maior do que a política doméstica.

Wellings (2020) aponta que o euroceticismo foi reconfigurado enquanto parte integrante do sistema político da UE, o que deslegitima as políticas da instituição ao passo que abre alas para processos de desintegração europeia. Com isso, para além do crescente euroceticismo característicos desses partidos, devemos compreender que o *Brexit* se tornou um relevante fator para o nacionalismo dos países europeus e a revés crítica quanto à integração europeia. A saída do Reino Unido da UE trouxe a possibilidade de saída para outros países como a Alemanha, França e Itália. Entretanto, as reviravoltas e a dificuldade encontrada pelo Reino Unido, em seu processo de saída, fizeram com que esses países modificassem suas ideias. Atualmente, os partidos que criticam a União pretendem mudá-la quanto aos seus interesses.

A definição de Boomgaarden *et al* (2011) é um dos caminhos teóricos seguidos nesta dissertação. Em primeiro lugar, a multidimensionalidade adotada pelos autores condiz com a realidade do euroceticismo e as evidências encontradas pelos autores. Para facilitar o entendimento do termo, os autores propõem que o euroceticismo deve ser dividido em cinco dimensões, análise, performance, afeição e utilitarismo, trazendo o que também foi postulado por Easton (1975). Em segundo lugar, a distinção entre essas dimensões já foi evidenciada por outros autores através de pesquisas empíricas recentes (Talving; Vasilopoulou, 2021; Hernandez, 2016; Hobolt; De Vries, 2016). Em terceiro lugar, as dimensões facilitam as pesquisas baseadas em dados de *survey*, uma vez que a partir deles podemos encontrar as perguntas que foram feitas e que se encaixam no escopo de cada dimensão. Por fim, o estudo tem por objetivo mapear as atitudes em relação à UE como parte integrante da vida dos europeus e da sua relação com o governo.

1.3 Ideologias finas, euroceticismo e populismo

Talving e Vasilopoulou (2021) argumentam que atitudes em relação à UE são desenvolvidas a partir do contexto político nacional. Para explicar este ponto, as autoras colocam uma questão muito importante que é a percepção de partidos e instituições sobre as atitudes individuais. Em primeiro lugar, é posto que a UE é muito complicada, ou seja, a burocracia, as regras e as normativas se tornaram algo que não é amplamente compreendido

pelos europeus. Usherwood e Startin (2012) também discutem que a UE falhou no objetivo de trazer a união mais perto do povo, e que existe um espaço entre a UE e os europeus.

Jost *et al* (2009) classificam a ideologia enquanto um conjunto de crenças sobre a sociedade e o seu funcionamento que servem de “modelos mentais” para diferentes grupos de indivíduos. Desta forma, a ideologia funciona como um modelador de atitudes, percepções e comportamentos.

Os autores propõem duas subcategorias do conceito de ideologia para compreender melhor como esse conjunto de crenças, atitudes e comportamentos são adquiridos. De um lado, a superestrutura discursiva é socialmente construída e se refere à cadeia de atitudes socialmente construídas e junto ao posicionamento ideológico em determinada época e lugar. Para os autores, ainda, a superestrutura discursiva pode ser compreendida como uma representação social que “orienta o julgamento político de cima para baixo e de forma esquemática, e, normalmente é transmitido das elites políticas ao público em geral” (Jost *et al*, 2009, p. 315). Por outro lado, a superestrutura motivacional diz respeito ao conjunto de motivações, às necessidades psicológicas e aos objetivos que moldam o interesse político de indivíduos, de baixo para cima, e que são condicionados pelos conteúdos discursivos de uma ideologia.

De extrema importância, aqui, citar Freedon (2003), que é considerado por muitos como o primeiro que melhor conceituou ideologia. É imprescindível citá-lo porque ideologia é a figura que representa a ponte entre governo e sociedade, e mapeia a política para nós. Para ele, a ideologia deve apresentar um padrão de recorrência, de modo que é mantida em diferentes grupos que competem para prover e controlar planos de políticas públicas e fazem tudo isso com o intuito de mudar a dinâmica social e política de uma comunidade (Freedon, p. 32, 2003).

Ideologia, portanto, pode ser compreendida como uma forma de lente que usamos para entender diversos aspectos da sociedade como partidos políticos, processos de tomada de decisão, discursos e performances. Freedon (2003) aponta, também, que socialismo, liberalismo, conservadorismo e fascismo se encaixam na categoria de ideologias. No entanto, existem também as ideologias finas (*thin ideology*), que são mais restritas morfologicamente e não apresentam respostas em todos os aspectos da vida social, normalmente, vemos tais ideologias finas ao lado de outras ideologias (Freedon, 2003; Mudde, 2017) para apresentarem maior valor explicativo.

De acordo com Freedon (2003), uma ideologia fina se faz de contextos ideacionais e não apresentam valores que pretendem mudar a dinâmica social e política de uma

comunidade. Todavia, elas também servem como uma lente para o mundo, algo que faz com que pessoas comuns compreendam o que está a sua volta. Podemos, assim, dizer que a ideologia se torna um mecanismo modelador na construção de atitudes individuais.

Flood e Soborski (2018) argumentam em favor de conceitualizar o euroceticismo enquanto uma ideologia fina, já que o fenômeno não obedece às regras claras de uma ideologia, mas ainda é fortemente presente em um contexto e local determinados. Isso também se corrobora se pensarmos no caráter multidimensional do euroceticismo, ou seja, como já discutido, existem diversas formas de conceitualizar o euroceticismo a partir de lentes que buscam objetivos frente a agendas distintas. Por um lado, temos o conceito de *soft* e *hard* (Taggart; Szczerbiak, 2004), euroceticismo político (Leconte, 2010), e resistência à Europa (Crespy; Verscheuren, 2010).

Dito isso, no campo político europeu faz sentido fazer a associação entre o populismo e euroceticismo, que representa uma crítica da configuração institucional da União Europeia e também representa uma reforma institucional com menor envolvimento da autoridade do bloco. Ademais, podemos compreender o euroceticismo a partir do campo ideológico como parte de um sistema intrincado por funções políticas e formas comunicativas (Flood; Soborski, 2011; Treib, 2020). É importante enunciar também que, ao usarmos a definição de Cas Mudde de populismo e estreitá-la com o euroceticismo, podemos também medir atitudes populistas a nível individual em relação ao projeto de integração da União Europeia (Zaslave *et al*, 2020).

Ao tomarmos nota que, em seu interím, populismo é sobre representação da soberania popular, podemos ainda mais focar sobre a visão individual de cidadãos europeus e suas atitudes políticas. Novamente, considerando Akkerman *et al* (2013), ao tratarmos populismo como uma ideologia *thin centred* implicamos nisso que o construto consiste em uma amálgama de ideias sobre democracia e representações políticas, assim, existe a vantagem de podermos medir o populismo no nível individual.

O construto “populismo” passou por diversas definições ao longo dos anos, principalmente a partir do crescimento de partidos populistas na década de 90, Cas Mudde (2004; 2017) apresenta o populismo através de uma abordagem do campo ideológico que é constituído por uma elite corrupta versus o povo, assim como reivindica que a política deve ser voltada ao respeito da soberania popular. Para o estudo planejado, usaremos a definição de Cas Mudde e Cristobal Kaltwasser (2017) também pelo fato de que os autores argumentam que o populismo quase sempre anda de mãos dadas com outros elementos ideológicos, no caso do nosso estudo, o euroceticismo. Ao compreendermos o populismo como uma ideologia

thin centred, ela raramente está sozinha e deve ser considerada dentro de um alto nível de abstração para “viajar” entre espectros ideológicos e contextos regionais (Akkerman *et al*, 2013; Rooduijn, 2018).

Nessa perspectiva, diante da proposta de estudar o populismo como ideologia fina (Freeden, 2003), Hawkings e Kaltwasser (2017), tais autores propõem o estudo do populismo baseado em suas ideias que são difundidas dos partidos políticos para a sociedade, esta seria a abordagem ideacional do populismo. Um dos pontos mais importantes de usar a abordagem ideacional é obter a possibilidade de usar os termos de forma maleável, e ao lado de outras teorias para gerar um melhor entendimento. Quando falamos de populismo na União Europeia, não podemos deixar de lado algumas outras teorias e ideologias que fazem parte do cotidiano e tradição europeia, como o nativismo, nacionalismo e eurocentrismo.

Ademais, a abordagem consegue captar as várias formas de populismos que vemos hoje em dia, desde partidos políticos bem estruturados até movimentos sociais desorganizados (Mudde; Kaltwasser, 2017). Desta forma, alguns autores começaram a estudar euroceticismo lado a lado de outra ideologia fina, o populismo. Segundo o Timbro Authoritarian Populism Index, o populismo enquanto ideologia foi o que mais recebeu votos desde 1998, isto é, um crescimento de cerca de 10%.

De acordo com o mesmo Index, o partido populista húngaro Fidesz recebeu, em 2018, 49,3 % dos votos, enquanto, em 2015, os partidos PiS e Syriza (Polônia e Grécia, respectivamente) obtiveram mais de 35% dos votos em suas eleições nacionais. Quantitativamente, partidos populistas na Europa e em outros continentes vêm recebendo a cada ano mais votos, de maneira que entram na arena política para colocar em pauta seus argumentos e defesas. Assim, suas retóricas se tornam cada vez mais difundidas entre os cidadãos nacionais (Timbro Authoritarian Populism Index, 2021).

Muitas das manifestações de descontentamento popular estão conectadas com a lógica populista, uma vez que esta defende um clamor da população virtuosa contra uma elite ineficaz e corrupta, que é composta pelo *establishment* político (Mudde; Kaltwasser, 2017; Peters, Pierre, 2020).

No caso europeu, é mais comum a presença de partidos populistas de exclusão (*exclusionary*), mesmo que existam partidos populistas de inclusão (*inclusionary*), visto que essas definições estão conectadas a recursos monetários e não-monetários para grupos específicos da sociedade. Aqueles de exclusão, devemos frisar, são os que colocam como pauta quais grupos societários não devem participar do sistema democrático e não devem ser

representados na contestação pública. Já aqueles de inclusão são os que se dirigem a incluir grupos societários através de participação e representação (Mudde; Kaltwasser, 2013).

Canovan (2002) traz o paradoxo entre populismo e democracia para destrinchar o funcionamento do populismo. Com isso, devemos compreender que o objetivo do populismo é trazer a política para perto do povo comum, e a democracia é uma forma de governo participativa e teoricamente igualitária entre todos. Para os dois, o povo e a representação popular são força motriz da política, de forma que o poder deve emanar do povo. Mudde e Kaltwasser (2017) argumentam que um dos problemas políticos que líderes populistas procuram resolver é a falta de representatividade nos altos escalões do governo.

Nessa esteira, o mesmo faz Weyland (2001) quando aponta que a representatividade é a identidade política do populismo e atua a partir da identificação do líder populista com seus eleitores. Ostiguy (2020) afirma que a representação do povo se dá a partir da liderança populista, pois apenas essa liderança apresenta uma representação fiel do povo.

Quanto a Mudde e Kaltwasser (2017), estes centralizam a definição na dicotomia povo x elite, em que o povo é a representação maior da soberania popular e tem um líder que se torna o executor da vontade geral emanada pelo povo. O povo, portanto, torna-se a junção de três significados maiores, a saber: o povo enquanto soberano; enquanto povo comum; e enquanto nação. Essa combinação de significados está relacionada à ideia de que, em uma democracia, o povo e ninguém mais é a única fonte de poder. O povo comum é a representação de ideais e valores morais tradicionais, líderes populistas usam isto como defesa para propostas políticas que condenam grupos sociais e econômicos que não façam parte da tradição e moralidade. A proposta de povo enquanto nação é associada a valores étnicos e cívicos, os nacionais são aqueles que nascem no país e todos os outros são de fora e não pertencem àquela nação.

Dito isto, Hawkins e Kaltwasser (2017) discorrem que atitudes populistas existem a partir da disposição do indivíduo, ou seja, a contextualização e indicadores emocionais individuais são necessários para que as atitudes populistas façam sentido. Para os autores, também, o contexto específico que ativa essas atitudes é uma falha intencional de representação democrática, cujos políticos atuam em benefício de esferas sociais específicas, gerando ressentimento em grupos que não foram capturados por algumas políticas públicas (Kriesi *et al*, 2006).

1.4 As diferenças entre esquerda e direita no campo político europeu

Existe uma compreensão de que política é um assunto complicado e devemos deixar para aqueles que sabem resolver quais os melhores caminhos para a sociedade em que vivemos. De forma semelhante, pensam os políticos populistas. No entanto, a diferença é que esses políticos se colocam como ponte entre o eleitor médio e a política de difícil compreensão. Políticos populistas descomplicam o mundo político e trazem algo que seja compreensível para as pessoas. Boomgaarden *et al* (2011) explica que, muitas vezes, a ponte para entender o que está acontecendo na UE é a política nacional. Van Elsas *et al* (2016) propõem, inclusive, uma distinção entre o que a UE realmente representa, suas normas e regras, e o que a UE representa no imaginário popular. Desta forma, a depender do espectro ideológico que governa o país no momento, podem existir mudanças em como os eleitores compreendem a política nacional e a política da UE.

O mesmo ocorre no caso do populismo, Kaltwasser e Van Hauwaert (2020) argumentam que, em média, indivíduos tendem a ser mais populistas quando existe uma lacuna entre opiniões pragmáticas e expectativas normativas sobre democracia e andamento da política nacional, mostrando que as ideias populistas nascem em momentos críticos de desconforto com a política.

Com isso, seguindo a linha de pesquisa anterior, Talving e Vasilopoulou (2021) encontram resultados positivos para a influência do andamento da política nacional na percepção individual em relação à UE. As autoras também argumentam que, em comparação com resultados econômicos, resultados políticos apresentam maior influência na percepção de indivíduos no tocante à política nacional e internacional.

Além disso, tais autoras encontram resultados substantivos para argumentar que existe uma forte relação entre momentos de crise na UE e a percepção individual sobre a instituição. Em momentos de crise, como a crise de 2008 e a crise de refugiados de 2015, a visibilidade da política nacional e da política europeia é aumentada, o que gera uma maior precipitação de informações para a opinião pública. Somado a isso, em momentos críticos, existe uma associação entre a política doméstica e a política internacional. Segundo as autoras, ainda, a confiança individual na UE é formada a partir da confiança no próprio governo nestes momentos.

Hakiliopoulou *et al* (2012) inferem que a esquerda radical e a direita radical se diferenciam em alguns quesitos ao falarmos de euroceticismo, e todas essas diferenciações apresentam a mesma construção baseada no nacionalismo. Em primeiro lugar, os partidos se distinguem na construção ideológica, de modo que os partidos da esquerda promovem uma

forma inclusiva e cívica de nacionalismo, ou seja, o euroceticismo aqui é visto como crítica ao capitalismo, dominação do ocidente, e que, a UE enquanto instituição prejudica o estado de bem-estar social. Por outro lado, à direita do espectro político, as críticas são mais voltadas a questões culturais e étnicas, assim, o euroceticismo da direita preocupa-se com a conservação da identidade nacional, soberania e homogeneidade cultural.

A crítica da direita eurocética se direciona à proteção nacional contra forças externas e se posiciona a favor da integridade territorial. Já a crítica da esquerda eurocética se volta para as consequências sociais e econômicas das políticas da UE. Com isso, as autoras concluem que, por mais que à direita e à esquerda do espectro políticos os partidos exibem seu euroceticismo, as motivações, as fundações ideológicas e as retóricas são diferentes.

Da mesma forma, Van Elsas *et al* (2016) analisam se as posições partidárias eurocéticas são as mesmas quanto ao nível partidário e individual. Os autores, nesse sentido, apontam que, no plano partidário, os partidos da esquerda estão mais preocupados com o atual funcionamento da UE e expressam críticas em relação às normas que regem a instituição e a burocracia envolvida. Os partidos da direita, no entanto, são contra o fortalecimento da integração europeia e rejeitam o funcionamento da UE de forma geral. Os autores também reiteram a postulação de Hakiliopoulou *et al* (2012), quando afirmam que os partidos da esquerda são motivados pela economia, principalmente nas questões relacionadas ao bem-estar social e desigualdades sociais.

Similarmente, as motivações dos partidos de direita são voltadas para a cultura e soberania nacional. Adicionalmente, os autores também concluem que, por mais que a crítica contra a integração europeia seja forte dos dois lados do espectro político, uma aliança entre esquerda e direita ainda é superficial em termos de concordância em relação às futuras políticas da UE. Os dois artigos vêm para afirmar o que já foi postulado no que diz respeito à multidimensionalidade do euroceticismo, colocando-o como um fenômeno que pode ser dividido em diversos quesitos e, principalmente, em contextualidades distintas.

Por fim, como forma de concatenar as informações, o artigo de Boomgaarden *et al* (2011) ainda nos apresenta uma forma de especificar as diferenças entre a esquerda e direita. Por um lado, a esquerda tende enxergar a UE de forma utilitarista e específica, e o objeto de crítica consiste no regime da UE, seus princípios, processos e instituições. Enquanto a direita enxerga a UE de forma afetiva e difusa, em que o objeto de crítica é a comunidade europeia, seu território e aspectos pessoais. Os autores também mostram resultados que corroboram que as avaliações econômicas estão mais ligadas à forma utilitarista e específica que a esquerda enxerga a UE, enquanto a direita está mais atrelada a questões de imigração e identidade.

1.5 Hipóteses

Com o intuito de medir as atitudes populistas de indivíduos, Osuna (2020) propõe que o estudo do populismo trate o fenômeno enquanto multidimensional e a partir de diversos atributos. Ao trazermos o populismo enquanto termo multidimensional, torna-se possível agregar quais tipos de atitudes populistas estão presentes em determinados grupos sociais, como no espectro político direita-esquerda, o que nos ajuda a compreender a gradiência do conceito que se divide em algumas variedades.

Assim, a partir do que foi trazido pelo autor, podemos encontrar interações dentro de pesquisas de *survey*, agrupando as dimensões e categorizando-as a partir das respostas dos bancos de dados. Desta forma, junto com os achados de Boomgarden *et al* (2011), que também propõem a investigação de atitudes eurocéticas a partir de diversas dimensões, Osuna (2020) também transforma o estudo do populismo por meio de tipos diferentes com dimensões e atributos específicos. Agora, mostro aqui uma tabela que registrará a distribuição de dimensões e atributos a partir dos resultados obtidos pela análise de dados do European Social Survey (ESS).

Tabela 2

Dimensões	Representação política	Construção da sociedade	Construção da sociedade
Atributos	Povo x Elite	Euroceticismo (institucional)	Atitudes eurocéticas
Variáveis dependentes + variáveis de controle	<i>vote</i>	<i>euftf + trstep + stsdem + stfgov +</i>	<i>lrscale + imbgeco + imueclt + imwbcnt + atchctr + atcherp</i>

Fonte: elaboração própria, baseada em Boomgarden *et al* (2011) Osuna (2020)

A tabela acima mostra três dimensões utilizadas por Boomgarden *et al* (2011) e Osuna (2020), que também fazem parte da pesquisa atual. Os atributos citados servem de guia para a análise das perguntas feitas nos surveys que serão utilizados na pesquisa e também para compreender quais atributos mais fortes e mais fracos, a depender dos partidos políticos no poder em determinadas regiões europeias. Desse modo, a partir das indagações feitas pelos autores, pretende-se preencher essa lacuna de estudos que utilizam variáveis interseccionais para analisar atitudes eurocéticas e populistas. A mensuração relativa aos índices de euroceticismo e populismo se dará a partir da análise de resposta às perguntas relacionadas às

variáveis de interesse. As variáveis *trstep*, *stfgov*, *stfdem* e *eufft* mensuram a percepção dos entrevistados no survey sobre satisfação com a democracia no geral, satisfação com o atual governo nacional, confiança no PE e percepção em relação ao grau de integração europeia.

Segundo Tavling e Vasiloupopoulou (2021), existe correlação direta entre a capacidade de governo nacional e os níveis de confiança na UE, sendo assim, as variáveis de satisfação e confiança se conectam diretamente com as hipóteses propostas por esta pesquisa. Respectivamente a primeira variável se refere à confiança no PE, a segunda corresponde à satisfação com o governo, a terceira diz respeito à satisfação com a democracia e a última consiste no processo de unificação europeia. A primeira variável vai de 0 a 10, sendo 0 atribuído a nenhuma confiança no PE e 10 quanto à confiança total no PE, a segunda e terceira variáveis também vão de 0 a 10, de modo que 0 é atribuído a extremamente insatisfeito e 10 a extremamente satisfeito. A última variável também vai de 0 a 10 e é atribuído a “unificação já foi longe demais” e “unificação deve ir além”.

Diante disso, para que os resultados estatísticos não fossem enviesados, as categorias de resposta referente à “recusa”, “não sei” e “não respondeu” foram excluídas. A variável *lrscle* se refere ao posicionamento pessoal no espectro esquerda – direita que varia de 0 a 10 (0 para esquerda e 10 para direita). A variável *imbgeco* mede se, segundo o entrevistado, imigrantes são benéficos ou maléficos para economia e varia de 0 a 10. A variável *imueclt* mede se o entrevistado acha que a cultura de seu país enriquece ou não com a presença de imigrantes, também variando de 0 a 10. A variável *imwbcnt* mede se o entrevistado acha que a presença de imigrantes deixa seu país melhor ou pior também variando de 0 a 10. As duas últimas variáveis *atchctr* e *atcherp* medem o quão próximo a seu país e à Europa o entrevistado se sente, respectivamente, também variando de 0 a 10.

A partir da evolução positiva de votos em partidos populistas e eurocéticos, bem como sua influência na caracterização de atitudes de seus eleitores, proponho as cinco hipóteses do trabalho.

H1: Pessoas tendem a confiar menos na UE após crises;

De acordo com a literatura sobre euroceticismo, os partidos populistas da esquerda são contrários à atual estrutura capitalista que molda a sociedade, incluindo nesta estrutura as organizações multilaterais como a UE (Wagner, 2021). Halikiopoulou *et al* (2012) argumentam que o euroceticismo de direita é calcado em premissas étnicas, enquanto o euroceticismo de esquerda é calcado em diferenças cívicas, a oposição ao capitalismo e promoção de redistribuição de recursos ocupam a posição de oposição à imigração e multilateralismo dos partidos de direita. Desta forma, espera-se que, por mais que existam

motivos distintos, eleitores europeus não apresentem diferença estatística quando falamos de euroceticismo.

H2: Espera-se encontrar uma evolução a favor à aversão afetiva e difusa quanto à integração europeia.

H3: Espera-se evolução encontrar uma evolução a favor à aversão utilitarista e específica em relação à integração europeia.

H4: Não existe diferença nos votos nos últimos anos para partidos de direita radical ou esquerda radical.

As hipóteses 2 e 3 se relacionam com o estudo de Boomgaarden *et al* (2011), em que foi analisado um *survey* de opinião pública para saber como europeus se sentiam em relação à UE, através de cinco dimensões que são diferentes para eleitores de esquerda ou direita. A partir deste estudo, buscamos evidenciar como a opinião pública em relação ao bloco mudou nos últimos 12 anos. Desse modo, através de Boomgaarden *et al* (2011) e Osuna (2020), pretendemos analisar, de forma multidimensional, as atitudes de europeus em relação ao suporte à UE por meio das dimensões “construção política” e “construção da sociedade”.

Espera-se que a partir das crises econômicas e políticas, os dados mostrem uma evolução positiva nas distinções “utilitarista e específica” e “afetiva e difusa”. Espera-se, além disso, que o primeiro grupo demonstre sua aversão, a partir do *survey*, de forma mais emocional, em que questões relacionadas à etnia, credo e valores sejam mais evidenciadas e colocadas como oposição aos atributos da UE. Para o segundo grupo, espera-se que a aversão ao bloco se dê de forma utilitarista, evidenciando questões relacionadas à economia, especificamente, à redistribuição de renda, além de promover a justiça social e pautar os problemas da globalização. Também, através das hipóteses, pretende-se analisar as correlações entre as dimensões mostradas na Tabela 2, ao juntarmos duplas de variáveis de dimensões distintas, de forma que podemos atribuir quais agrupamentos apresentam relações causais mais fortes.

Com efeito, este primeiro capítulo traçou a evolução do euroceticismo historicamente até os dias de hoje. A partir dessa evolução, portanto, percebe-se a aproximação do euroceticismo e do populismo que são ambos categorizados enquanto ideologias finas e que, neta pesquisa, são estudadas como fenômenos multidimensionais. Diante da multidimensionalidade atrelada aos termos, existe a possibilidade de agrupar dimensões e atributos eurocéticos e populistas em grupos distintos para melhor analisar a cumplicidade dos dois. Por fim, apresentamos a tabela 1, que expõe como os atributos foram analisados na parte empírica e quais variáveis se encaixam em cada dimensão.

2. DADOS E MÉTODO

O presente capítulo descreve as variáveis utilizadas na pesquisa, bem como o método da análise escolhido e as técnicas estatísticas utilizadas para a testagem das hipóteses. Os dados referentes aos resultados de eleições foram coletados no repositório do The PopuList, que disponibiliza uma base de dados de partidos europeus de 31 países, categorizando-os em populista, extrema-direita, extrema-esquerda e eurocéticos a partir das conceituações trazidas por Mudde (2004), Taggart e Szczerbiak (2004). Já os dados referentes às atitudes individuais de cidadãos europeus foram coletados no repositório do European Social Survey, um *survey* que vem sendo conduzido na Europa desde 2001 e disponibiliza dados referentes às condições de vida, estrutura social, opinião pública e atitudes.

Nesse aspecto, a fim de analisar os dados eleitorais e sociais de países da UE, a pesquisa recai sob a ótica da Política Comparada, que tem por objetivo a predição e análise de resultados a partir de testes de hipóteses e classificação de variáveis. A comparação de variáveis de alguns países é tida como orientada por casos (*case oriented*), Landman (2008) atribui a comparação de várias unidades à finalidade de comparar a distribuição das variáveis por um determinado período de tempo e procurar relações entre as distribuições. O autor também pontua que, ao limitarmos a comparação para um número menor de países, como seria o caso da UE, a pesquisa desenvolve observações mais específicas dos países analisados, procurando assim por semelhanças e diferenças.

O principal motivo para a escolha da realização da pesquisa usando o *survey* de opinião pública do ESS, é poder ter acesso a informações relativas às atitudes, valores e percepções da população da UE, que seria improvável acessar através de outras formas. A partir desta motivação, também se escolhe traçar este caminho para que se possa cumprir as funções de explorar, descrever e explicar as relações causais que esperamos encontrar (Paranhos *et al*, 2013). Por tais razões, também, espera-se justificar o motivo de fazer uma pesquisa deste tipo com países da UE. Para Landman (2008), *surveys* de atitudes individuais procura trazer observações a serem analisadas para que inferências substantivas possam ser feitas em relação àquela população. Em síntese, a partir dos dados coletados pelo ESS pretende-se explorar as relações causais e analisar afundo os dados e suas métricas.

Cabe colocar, ainda, que esta pesquisa é de caráter exploratório. Swedberg (2020) pontua que uma pesquisa exploratória pode seguir dois caminhos diferentes: por um lado, podemos adquirir novos conhecimentos sobre um tópico já discutido; e por outro lado, podemos testar novas hipóteses sobre este tópico. De forma específica, novos fatos encontrados em uma pesquisa exploratória têm a função de clarificar, verificar e anular

conceitos já abordados. Diante desta pesquisa, para além dos objetivos já traçados, pode-se colocar de forma mais clara que temos o objetivo de teorizar sobre a influência de partidos políticos na formação de atitudes individuais em relação à UE. Assim, a partir do que já foi estudado e teorizado sobre atitudes políticas a nível individual, propõe-se categorizações de dimensões e atributos relacionados ao populismo e euroceticismo para uma análise mais robusta.

No tocante à análise estatística do projeto, uso o Software R (4.3.0) para análise dos dados e predição dos modelos. Os dados do ESS (2018) foram utilizados a partir de 2008, compreendendo 6 ondas de *survey* até 2018. A partir de questões aplicadas nos *surveys*, esperamos encontrar correlações que corroborem as hipóteses propostas. Diante disso, este projeto se classifica como um estudo observacional de série temporal em que a unidade espacial consiste nos partidos que variam em múltiplas unidades de tempo, entre 2008 e 2018 (Kellstedt; Whitten, 2015).

2.1. Rotulagem das variáveis

A seguir apresento a tabela de variáveis, sendo esta utilizada para montar nosso modelo. Em linhas gerais, todas as variáveis abaixo estão relacionadas às bases de dados utilizadas na pesquisa e conta com as perguntas do jeito que foram colocadas no *survey*.

Tabela 3 - Rotulagem e código das variáveis

Código	Rótulo	Pergunta	Nível de mensuração
<i>Eufyf</i>	Unificação europeia deve ir mais longe ou já foi longe demais	“Alguns dizem que a unificação europeia deveria ir mais longe. Outros dizem que já foi longe demais. Usando este cartão, que número na balança descreve melhor a sua posição?”	0 – 10
<i>stfdem</i>	Satisfação com a democracia	“Quão satisfeito você está em como a democracia funciona no seu país?”	0 – 10
<i>stfgov</i>	Satisfação com o governo	“Quão satisfeito você está com o governo de seu país?”	0 – 10
<i>trstep</i>	Confiança no Parlamento Europeu	“Em uma escala de 0 a 10 o quanto você confia no Parlamento	0 – 10

		Europeu?"	
<i>lrscale</i>	Escala esquerda - direita	“Onde você se colocaria nesta escala, onde 0 significa esquerda e 10 significa direita?”	0 – 10
<i>imbgeco</i>	Imigração é ruim ou boa para a economia do país	“Você diria que geralmente é ruim ou bom para a economia de seu país que pessoas de outros países venham morar aqui?”	0 – 10
<i>imueclt</i>	A vida cultural do país é enriquecida ou prejudicada por imigrantes	“Você diria que a vida cultural de seu país é geralmente prejudicada ou enriquecida por pessoas de outros países que vêm morar aqui?”	0 – 10
<i>imwbcnt</i>	Imigrantes fazem do país um lugar melhor ou pior para viver	“Seu país tornou-se um lugar pior ou melhor para se viver por causa de pessoas que vêm morar aqui de outros países?”	0 – 10
<i>atchctr</i>	Ligação com o país	“Quão emocionalmente conectado você se sente com seu país?”	0 – 10
<i>atcherp</i>	Ligação com a Europa	“Quão emocionalmente conectado você se sente com a Europa?”	0 – 10
<i>iphlppl</i>	Importância de ajudar aos outros	“Assinale no card o quanto essa afirmação se parece com você: É muito importante para ele ajudar as pessoas ao seu redor. Ela/ele quer cuidar do seu bem-estar.	1 – 6
<i>ipeqopt</i>	Importante que pessoas tenham oportunidades iguais	“Assinale no card o quanto essa afirmação se parece com você: É importante que as pessoas tenham oportunidades iguais”	1 – 6
<i>Ipudrst</i>	Importante entender pessoas diferentes	“Assinale no card o quanto essa afirmação se parece com você: É importante entender pessoas diferentes.”	1 – 6

É importante pontuar, quanto a esta pesquisa, que as *labels* utilizadas em uma das bases de dados que será analisada diferenciam os partidos populistas e eurocéticos entre os grupos esquerda radical e direita radical. De tal forma, explico aqui o porquê do termo “radical” e como será importante para o andamento da pesquisa. Os partidos podem ser extremistas ou radicalistas em sua ideologia. Aqueles que buscam uma reforma política e econômica de um sistema são os partidos radicais. Adicionalmente, o radicalismo desses partidos deve ser tratado enquanto anti-sistêmico e deve ser estudado dentro do sistema em que eles existem. Complementarmente, os partidos presentes nessa “família” convergem ideologicamente nas figuras do radicalismo, populismo e nacionalismo (Golder, 2016). Para além das variáveis que serão utilizadas para criar os modelos, trazemos também a distribuição de partidos eurocéticos e populistas nos países europeus.

Figura 2 – Partidos eurocéticos por país

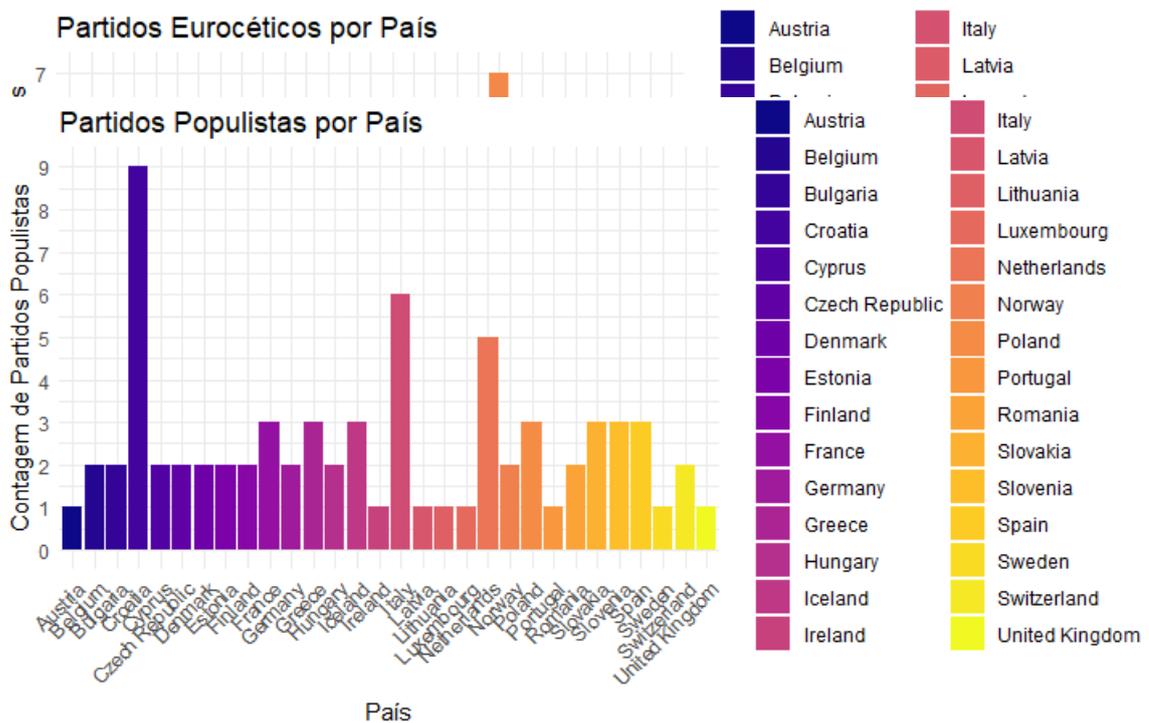


Figura 3 – Partidos populistas por país

As figuras 2 e 3 mostram a quantidade de partidos eurocéticos e populistas no parlamento, respectivamente, por país. Na figura 1, podemos observar que o país com maior número de eurocéticos é a Polônia com 7 partidos, seguida de Croácia e Espanha com 6 partidos eurocéticos.

De forma similar, na figura 2, o país com maior número de partidos populistas é a Croácia com 9 partidos, seguida da Itália com 6 partidos. As figuras 4 e 5 apresentam a

quantidade de partidos de extrema direita e extrema esquerda por país. Por um lado, na figura 3, a Polónia pontua com o maior número de partidos de extrema direita com 13 partidos e a Croácia segue em segundo lugar com 11 partidos. Por outro lado, podemos observar que, na figura 4, o país com maior número de partidos de extrema esquerda são Grécia e Espanha com 7 partidos.

Figura 4 – Partidos da extrema direita por país

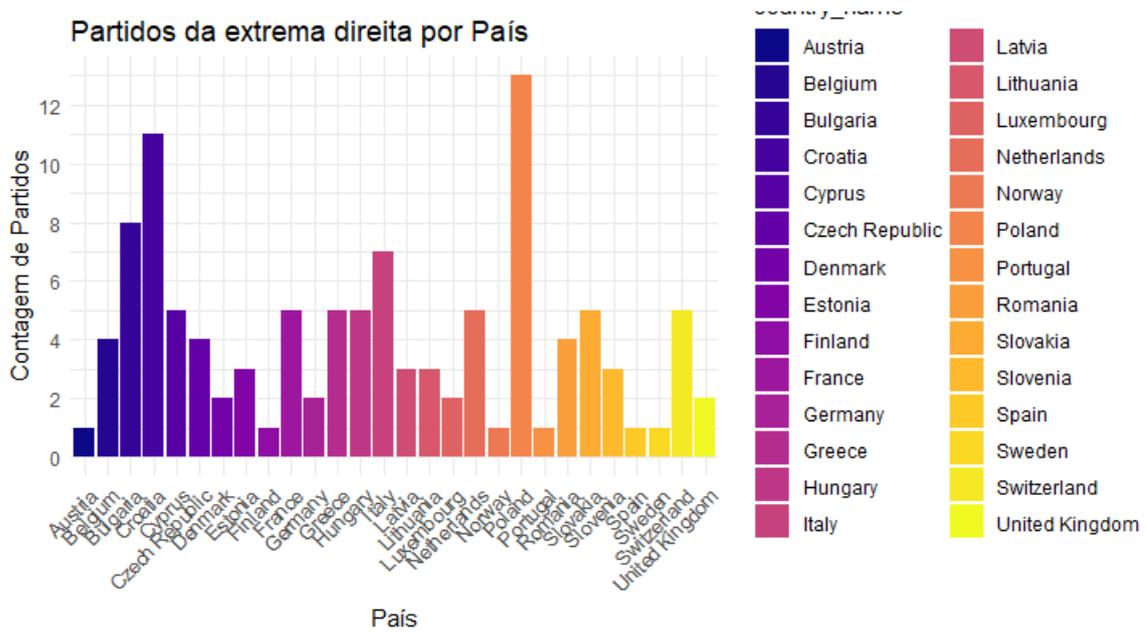
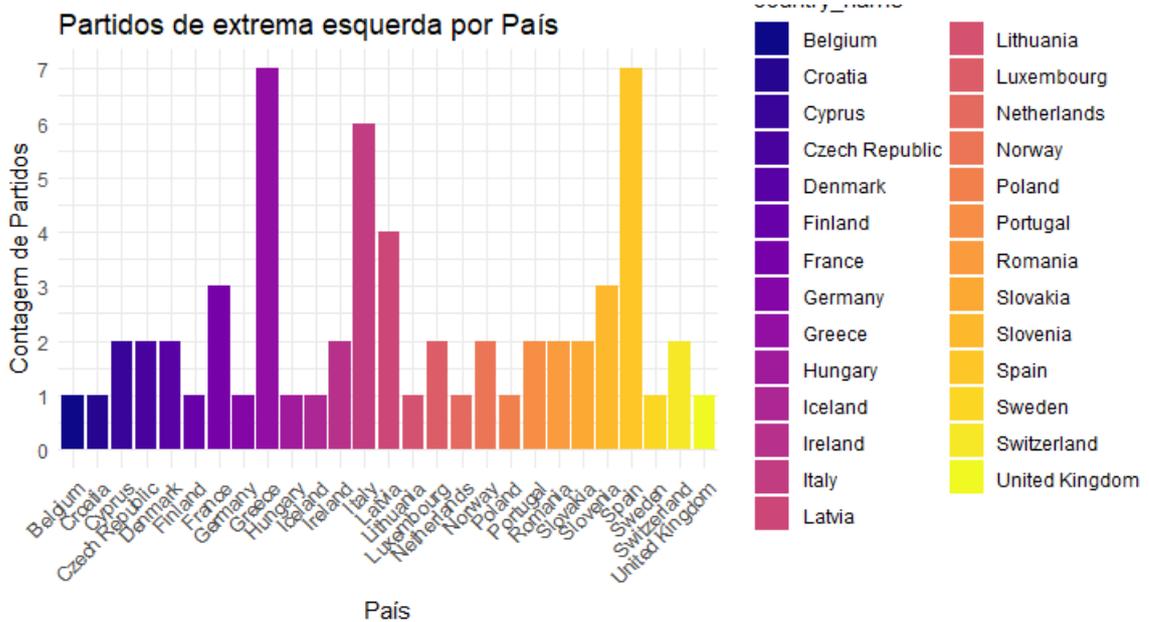


Figura 5 - Partidos da extrema esquerda por país



2.1.1. *European Social Survey*

O *survey* escolhido para esta pesquisa foi o *European Social Survey* (ESS), que tem por principal objetivo medir atitudes de países europeus. Foi lançado em 2001 pelo *European Science Foundation*, em coligação com fundos de investimento de conselhos acadêmicos. Ademais, como objetivo, ainda há a promoção de métodos de pesquisa para estudos *cross-national*. A Comissão Europeia também participou com apoio para a construção e coordenação entre os países da UE. O ESS é um estudo bienal e aborda, em geral, três partes principais: valores individuais e orientações ideológicas, orientações nacionais e culturais, e o estruturamento social dos países. Em cada país são apontados coordenadores nacionais para cada *round*, que contribuem com conhecimentos específicos para a construção das perguntas, construção de amostras representativas da população, tradução do questionário, coleta dos dados e documentação dos dados e do processo metodológico (Fitzgerald; Jowell, 2010).

As especificações do projeto e tradução do questionário são passadas pelo *survey quality predictor*; a tradução é feita do inglês para as línguas locais através dos coordenadores nacionais. Quanto aos países que falam a mesma língua, são indicadas modificações necessárias para que a tradução seja coerente. Já o desenho amostral para cada país é desenvolvido pelo *ESS Sampling Expert Panel*, junto aos coordenadores nacionais. Dessa maneira, com o objetivo de reforçar o desenho de pesquisa, com base nas propriedades da inferência causal, existem algumas regras a serem seguidas para aqueles que fazem parte do design do estudo, são estes: cobertura total da população dos países, alta taxa de resposta e um mínimo de amostra populacional deve ser coberto.

A população-alvo do ESS corresponde às pessoas com no mínimo 15 anos vivendo de forma permanente em uma residência privada, nacionalidade, língua e cidadania não têm relevância para a construção do estudo. A taxa de resposta esperada pelo ESS é de 1.500 para países com mais de 2 milhões de habitantes ou 800 para países com população abaixo disso (Schnaudt *et al*, 2014).

As entrevistas do ESS são feitas pessoalmente nas residências privadas dos respondentes com o uso do *Computer-Assisted Web Interviewing* para que as respostas sejam feitas por um computador do instituto. Após alguns anos, o ESS trouxe um novo método de coleta de dados que recai sob a ótica do método misto (*Mixed mode desing*). Através deste método, os modos de coleta de dados são maiores, aumentando assim a taxa de resposta ao *survey*, além disso, a amostra da população se torna mais representativa. A adaptação a novas tecnologias de coleta de dados também traz maior flexibilidade para os pesquisadores e aumenta a qualidade dos dados (Revilla, 2010).

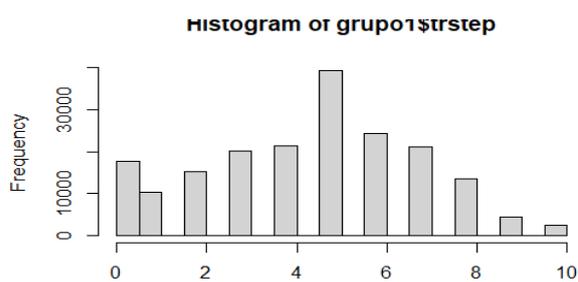
Dentre os *rounds* do ESS, ao todo, 38 países já participaram pelo menos uma vez e, desde 2003, foram realizadas mais de 450 mil entrevistas pela Europa. Todas as perguntas são traduzidas para a língua em que a entrevista será realizada, de forma que as perguntas englobam questões sociodemográficas e atitudes individuais, como dito anteriormente. Em suma, todas as respostas alocadas nas bases são anônimas e todos os dados são ponderados para garantir que a amostra populacional reflita a realidade da localidade em questão. Os dados são divididos entre os *core modules*, que estão presentes em todos os *rounds* e os *rotating modules*, que são questões específicas e podem ser modificadas nos outros anos. Além das bases de dados, existem também os dados contextuais que são os relatórios de eventos e os relatórios que discutem os resultados nacionais. Todos os dados do ESS estão disponíveis na internet com acesso fácil e gratuito, basta logar no site e baixar as bases selecionadas. Os dados estão disponíveis em .csv, STATA e SPSS⁶.

2. 1. 2. Variáveis independentes

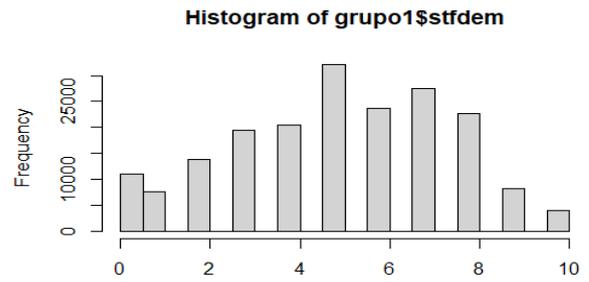
Algumas as variáveis independentes vão de 0 a 10, e outras de 1 a 6, a partir da escala utilizada nas entrevistas. As figuras a seguir mostram a distribuição das variáveis independentes através de histogramas.

Figura 6 - Histogramas das variáveis.

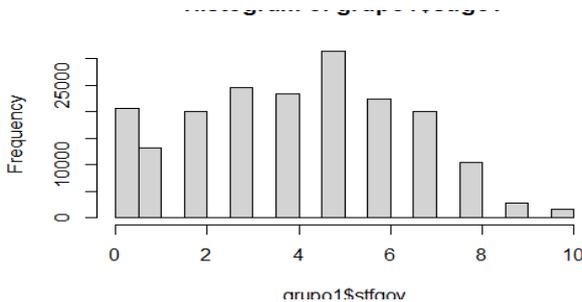
a) *trstep*



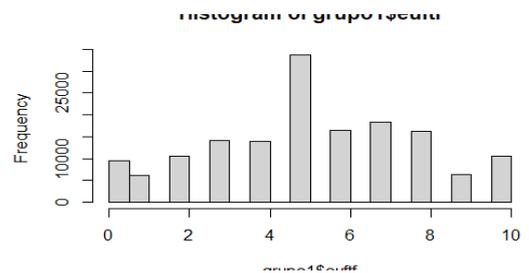
b) *stfdem*

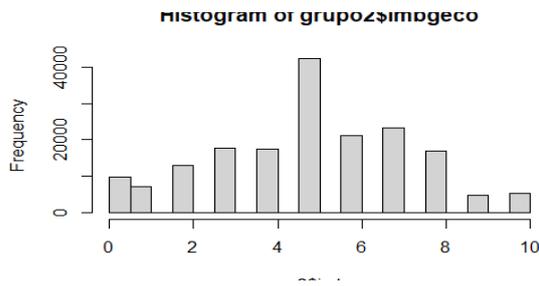
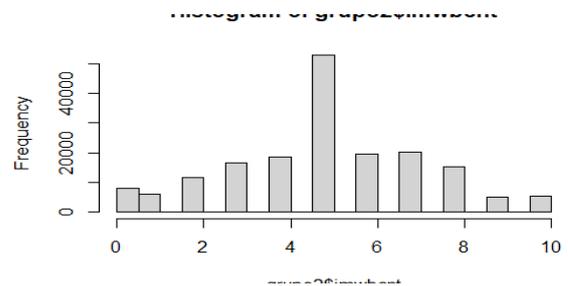
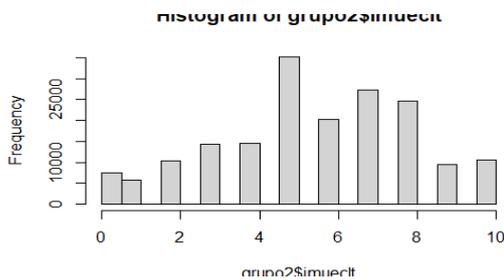
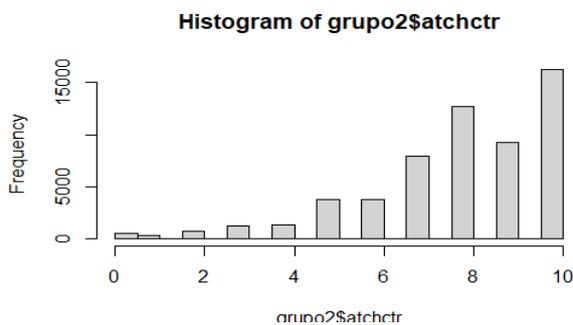
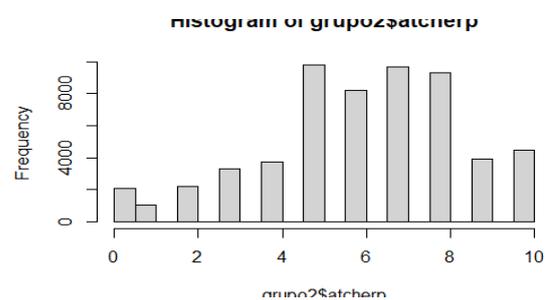


c) *stfgov*



d) *eufif*



e) *imbgeco*f) *imwbent*g) *imueclt*h) *lrscalc**atchctr*j) *atcherp*

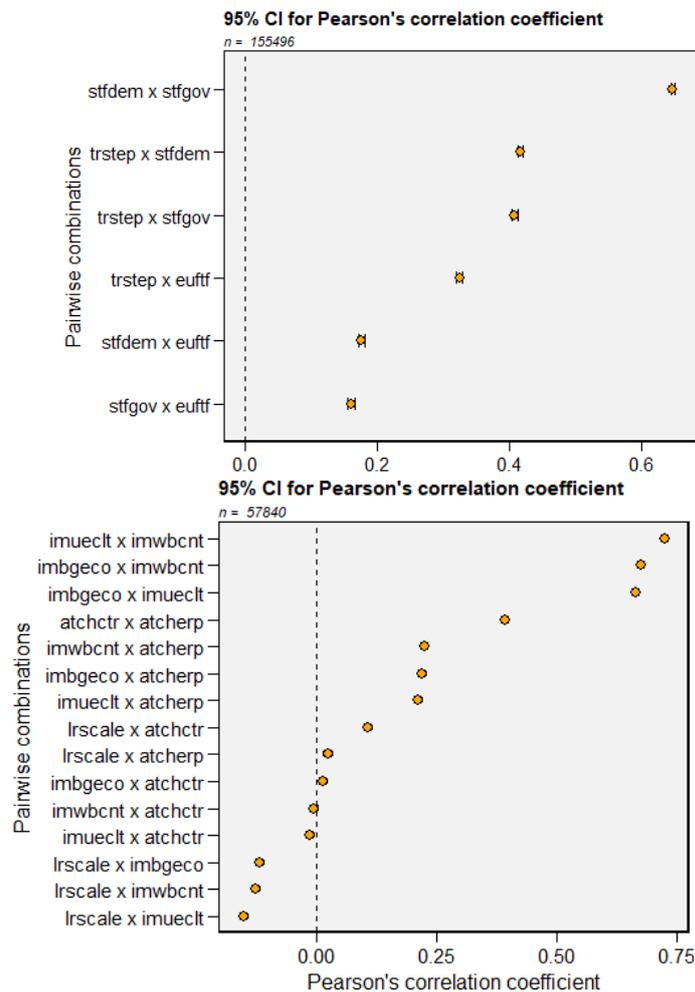
A partir dos histogramas acima, pode-se observar que, no caso da variável *trsep* que mede a confiança dos indivíduos no Parlamento Europeu, a maioria dos respondentes colocou 5 como resposta, o que significa que parte preponderante apresenta uma confiança média no Parlamento. No histograma de satisfação com a democracia (*stfdem*), a maior parte dos respondentes apresenta satisfação acima da média, porém, o mesmo não acontece com a variável de satisfação com o governo (*stfgov*), cuja maioria dos respondentes pontuam abaixo da média 5. A variável que mensura o posicionamento em relação à unificação europeia mostra que os indivíduos estão balanceados entre achar que a unificação já foi longe demais ou que poderia ser mais intensificada.

Das três variáveis que mensuram a opinião dos respondentes em relação aos imigrantes, apenas *imbgeco* e *imwbcnt* aparecem balanceadas antes e após a média de 5, sendo que a maioria dos respondentes pontuou 5. Já para a variável *imueclt*, que mensura se o respondente acha que a cultura do país é enriquecida ou prejudicada pela presença de imigrantes, preponderaram os respondentes que acreditam que a cultura de seu país é enriquecida pela presença de imigrantes.

A variável *lrscale* nos mostra que a maioria dos respondentes pontuou 5 e o restante pontuou de forma balanceada entre aqueles que são direita ou esquerda. No caso das variáveis que medem a conexão do respondente com seu país ou com a Europa, a primeira variável *atchctr* nos mostra que a maioria sente uma conexão com a Europa. Contudo, a segunda variável *atcherp* também nos mostra que muitos respondentes sentem uma conexão com a Europa.

Para a futura análise das variáveis, é importante trazer nesta seção os intervalos de confiança dos conjuntos de variáveis.

Figura 7 - Intervalos de confiança para os dois grupos de variáveis



2.2. Análise exploratória

Conforme foi posto no início do capítulo, esta pesquisa se debruça sobre a análise exploratória que nos permite compreender a natureza das variáveis, suas relações e distribuições, a fim de criar hipóteses sobre o que vem sendo estudado. Tukey (1977) chama a análise exploratória de “trabalho de detetive”, ou seja, uma análise que pretende esmiuçar os dados disponíveis e encontrar os parâmetros que relacionam os grupos de dados. A análise exploratória serve como fundação para as demais análises necessárias no futuro da pesquisa, para além dos resultados mostrados a partir de softwares de estatística, de modo que o contexto que permeia as hipóteses e a pergunta de pesquisa é de fundamental importância para que a análise exploratória cumpra seu papel. Nesse sentido, podemos colocar que este tipo de análise tem por objetivo simplificar descrições de dados para facilitar o manejo de modelos estatísticos em uma parte mais avançada da pesquisa. Assim, a análise exploratória tem duas características principais: estatística descritiva e visualização dos dados (Paez; Boisjoly, 2022).

Em linhas gerais, e a fim de segmentar o trabalho da análise exploratória, os autores nos mostram que existem duas partes a serem seguidas. Em primeiro lugar, explorar as variáveis independentemente umas das outras, e, em segundo lugar, explorar as relações das variáveis entre si. Além disso, três objetivos devem ser cumpridos, explorar variáveis e detectar outliers, explorar a relação entre as variáveis e formular hipóteses, e representar padrões de associação.

De acordo com King *et al* (1994), na análise exploratória é importante explorar as relações bilaterais entre as variáveis. Para isso, usarei as tabelas de correlação dos dois grupos de variáveis como foi proposto na Tabela 1, para elencar quais variáveis apresentam as relações mais fortes. A partir disso, compreende-se melhor se as relações propostas nas hipóteses são confirmadas.

Outro passo importante para a análise exploratória é a análise de componentes principais, que visa transformar o conjunto de variáveis original e um conjunto secundário da mesma dimensão denominado de componentes principais. Cada componente representa a relação linear de todas as variáveis originais para entendermos a estrutura da variância e covariância dos dados (Hongyu *et al*, 2015). Segundo os resultados, espera-se encontrar correlações robustas nos agrupamentos de dados para confirmar nossas hipóteses.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo tem por objetivo mostrar os resultados obtidos a partir das técnicas de análise exploratória. Para fins de replicabilidade, os *scripts* utilizados na análise dos dados estão disponíveis no repositório do [GitHub](#). Quanto aos dados analisados referentes ao comportamento dos indivíduos, estes compreendem as ondas 4 a 9 do *European Social Survey*, de 2008 a 2018, em que os dados relacionados aos partidos populistas e eurocéticos de países da UE são do *The PopuList*, e, por fim, dados eleitorais e partidários foram analisados a partir do *Chappel Hill Expert Survey*.

A análise exploratória tem dois objetivos, a saber: simplificar descrições e analisar além da superfície para fazer descrições mais efetivas. As ferramentas mais utilizadas na análise exploratória são as estatísticas descritivas e técnicas de visualização (Paez; Boisjoly, 2022). Franconeri *et al* (2021) argumentam que o processo de visualização de dados tem o objetivo de esclarecer relações entre variáveis e comunicar o resultado da análise para o público. A partir da literatura exposta no capítulo 1, pretendemos mostrar a validade ou refutação das hipóteses e discutir os resultados mais à frente.

Figura 8 - Estatísticas descritivas variáveis dos grupos 1 e 2.

	Variável	variable	vars	n	mean	sd	median	trimmed	mad	min	max	rai
ip	trstep	trstep	1	190783	4.475692	2.468708	5	4.523616	2.9652	0	10	
em	stfdem	stfdem	2	190783	5.070908	2.496531	5	5.176253	2.9652	0	10	
ov	stfgov	stfgov	3	190783	4.082874	2.452324	4	4.092205	2.9652	0	10	
f	eutf	eutf	4	155496	5.212951	2.649061	5	5.259168	2.9652	0	10	

	Variável	vars	n	mean	sd	median	trimmed	mad	min	max	range	
	lrscale	lrscale	1	57840	5.089419	2.221517	5	5.110736	1.4826	0	10	10
	imbgeco	imbgeco	2	57840	5.154685	2.472907	5	5.252248	2.9652	0	10	10
	imueclt	imueclt	3	57840	5.495055	2.608534	6	5.590660	2.9652	0	10	10
	imwbcnt	imwbcnt	4	57840	5.029651	2.344506	5	5.087612	2.9652	0	10	10
	atchctr	atchctr	5	57840	7.872303	2.109032	8	8.177537	1.4826	0	10	10
	atcherp	atcherp	6	57840	6.077092	2.441130	6	6.226487	2.9652	0	10	10

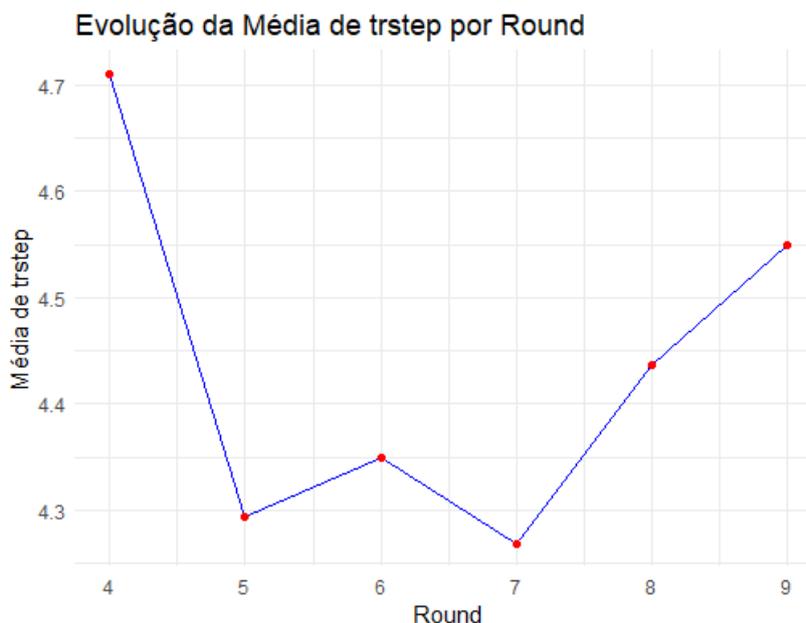
A Figura 8 apresenta as estatísticas descritivas do grupo 1 composto pelas variáveis *trstep*, *stfdem*, *stfgov* e *eutf*, e do grupo 2 composto pelas variáveis *lrscale*, *imbgeco*, *imueclt*,

imwbcent, *atchctr*, *atcherp*. Nas variáveis do grupo 1, vemos que a primeira variável *trstep* tem uma média de 4.47, relembando a tabela 3, em que o valor 0 significa nenhuma confiança e o valor 10 significa total confiança. A média desta variável, retirando todos os *missing values* e *dummies* para respostas ausentes, está abaixo do valor de confiança média que seria 5. Ao destrincharmos a variável *trstep*, conforme a figura 9, vemos o comportamento da variável nos anos em que o *survey* foi feito.

Vemos, ademais, que nas variáveis do grupo 2, as duas variáveis com maiores médias são *atchctr* e *atcherp*, que medem a ligação emocional do respondente pelo país e pela Europa, respectivamente. A primeira variável nos diz que, em média, europeus se sentem emocionalmente ligados ao país, porém, também se sentem emocionalmente ligados à a Europa, mesmo que em nível menor. As variáveis relacionadas à percepção sobre imigração serão discutidas melhor na última seção do capítulo.

3.1. Confiança no PE e apoio a integração europeia

Figura 9 - Média *trstep* por round.

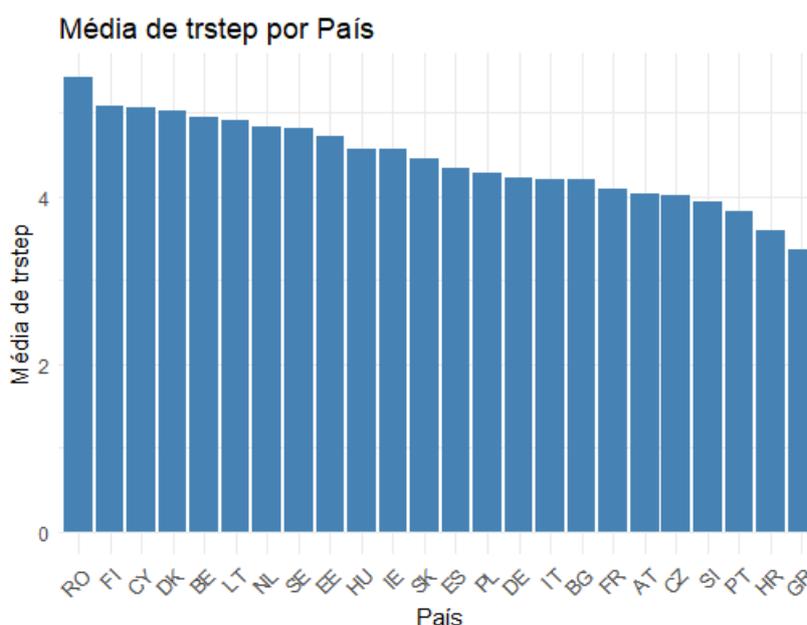


A média da variável sempre esteve abaixo de 5, porém, vemos que do quarto para o quinto *round* acontece uma queda abrupta de 4.7 para 4.3 em nível de confiança, e cai novamente entre o sexto e sétimo *round*. No entanto, a partir do sétimo *round*, a confiança

média no Parlamento Europeu sobe até o último *round* de análise. Isso se alinha, em partes, com a H1 e com os resultados obtidos por Tavling e Vasilopoulou (2021). Após a crise de 2008 (2008 = *round* 4), a média da confiança no PE baixou, todavia, depois da crise de refugiados de 2015 (2016 = *round* 8), vemos que a média da variável subiu novamente. Nessa perspectiva, por ser uma análise exploratória, não se tem certeza sobre o caso da crise dos refugiados, assim como são necessárias também outras formas de análise explanatória para corroborar ou não com a hipótese de que a confiança no PE diminuiu pós crise de 2015.

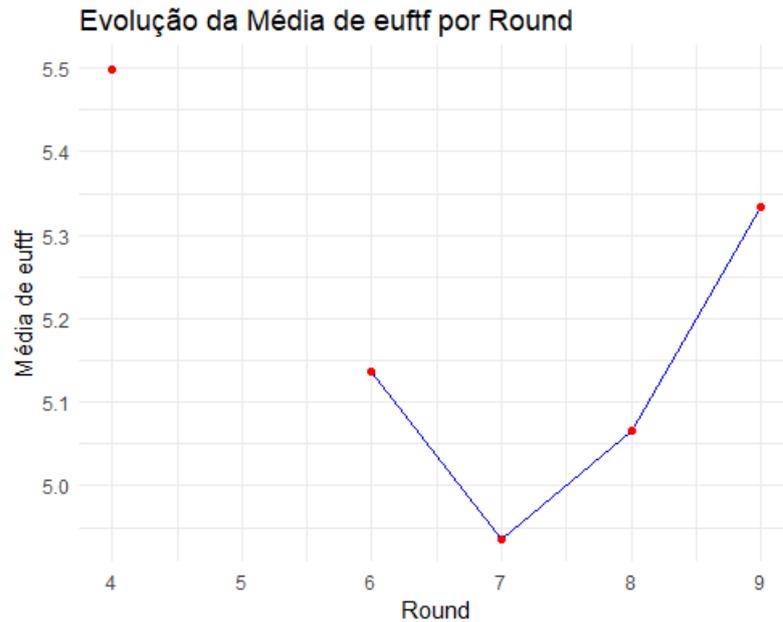
Ao realizar a mesma análise, a Figura 10⁷ nos mostra a média de confiança no Parlamento Europeu por país. Diante do que foi achado, apenas quatro países pontuaram com uma confiança média acima de 5, Romênia, Finlândia, Cyprus e Dinamarca. As três menores médias estão com Portugal, Croácia e Grécia, que pontuaram abaixo de 4.

Figura 10 - Média trstep por país.



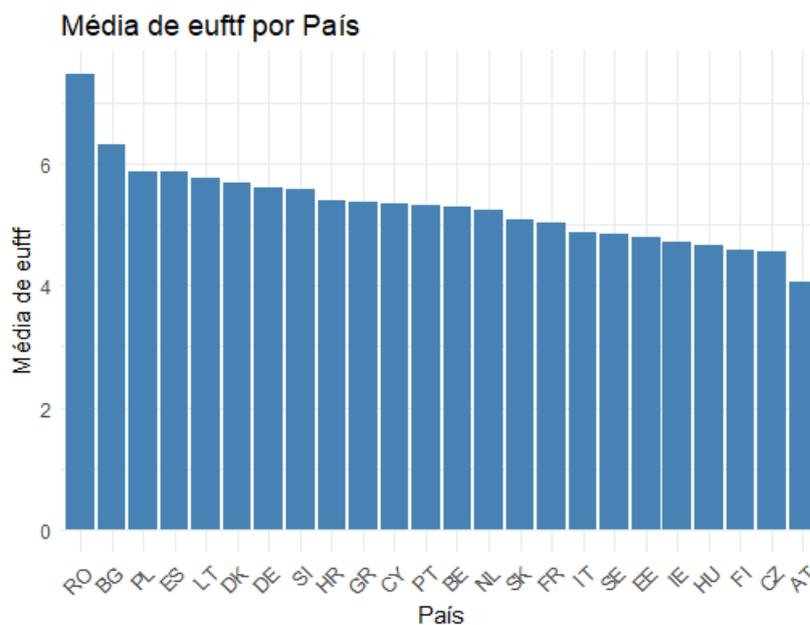
⁷Legendas dos países contidos nas figuras: Albânia (AL), Áustria (AT), Bélgica (BE), Bulgária (BG), Cyprus (CY), República Tcheca (CZ), Alemanha (DE), Dinamarca (DK), Estônia (EE), Espanha (ES), Finlândia (FI), França (FR), Grécia (GR), Croácia (HR), Hungria (HU), Itália (IT), Lituânia (LT), Holanda (NL), Polónia (PL), Portugal (PT), Eslovênia (SL), Eslováquia (SK), Suécia (SE).

Figura 11 - Média eufff por round.



Já a figura 11⁸ nos mostra a média por *round* da variável, sendo que esta mede se o respondente acha que a integração europeia deveria ir mais para frente ou se já foi longe demais. Como a variável anterior, 0 significa resultado negativo (integração foi longe demais) e 10 resultado positivo (integração deveria continuar). Observa-se que, ao contrário da variável anterior, na maioria dos *rounds* a variável pontua acima da média 5, tendo sua queda entre os *rounds* 6 e 7, o que nos mostra que, em média, os europeus acreditam que a integração europeia deveria ir mais longe.

Figura 12 - Média eufff por país.



⁸No *round* 5 do ESS não foi perguntado aos entrevistados a questão relacionada a variável *eufff*.

Na Figura 12, observamos que em muitos países os indivíduos, em média, acham que o processo de integração europeia deveria ir mais longe, com a Romênia pontuando novamente como país com maior média. Do outro lado, Áustria e República Tcheca são os países com as menores médias, pontuando inclusive abaixo da média 5.

O caso romeno é interessante para uma breve discussão. A Romênia é um país pós-comunista, e mesmo após a queda do muro de Berlim em 1989 e o fim da Guerra Fria, manteve um sistema de partido único⁹ e a política comunista da época (Marton, 2019). Eleições democráticas somente foram realizadas no país em 1992, com um sistema semi-presidencialista, atualmente, em que existem dois grandes partidos que disputam o poder, a esquerda o Partido Social Democrata (*Partidul Social Democrat - PSD*) e o Partido Nacional Liberal (*Partidul National Liberal - PNL*) à direita.

O partido do atual presidente romeno é o PNL e apresenta em seus discursos uma posição pró-Europa¹⁰, já o Primeiro-Ministro é do PSD. A posição favorável à UE pode explicar a média alta da variável *eufif* e *trstep*, no entanto, para uma confirmação são necessários mais testes e modelos para compreender o contexto romeno.

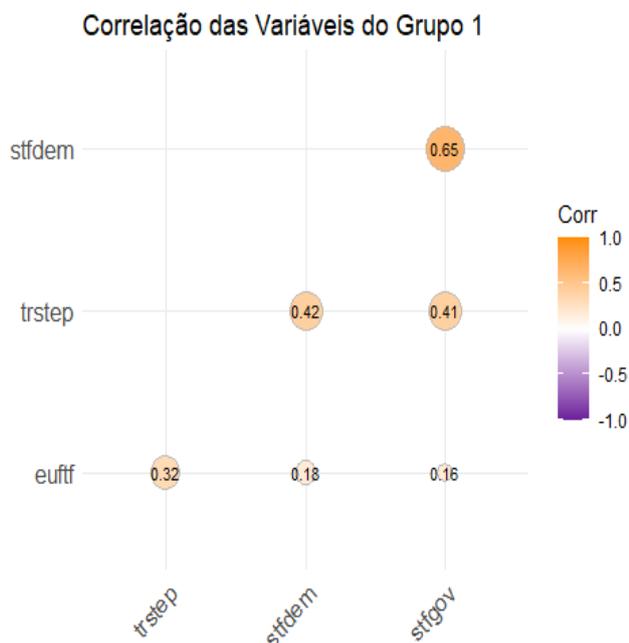
3.2. Correlações entre os grupos 1 e 2

Abaixo apresento as tabelas com as matrizes de correlações dos dois grupos de variáveis. O primeiro grupo conta com variáveis que medem o apoio a instituições europeias, integração europeia, democracia e governo.

⁹*National Salvation Front (FNS)*.

¹⁰Para maiores informações sobre a posição do presidente romeno em relação à UE: <https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20240201STO17291/iohannis-temos-de-apoiar-a-ucrania-e-o-seu-povo>.

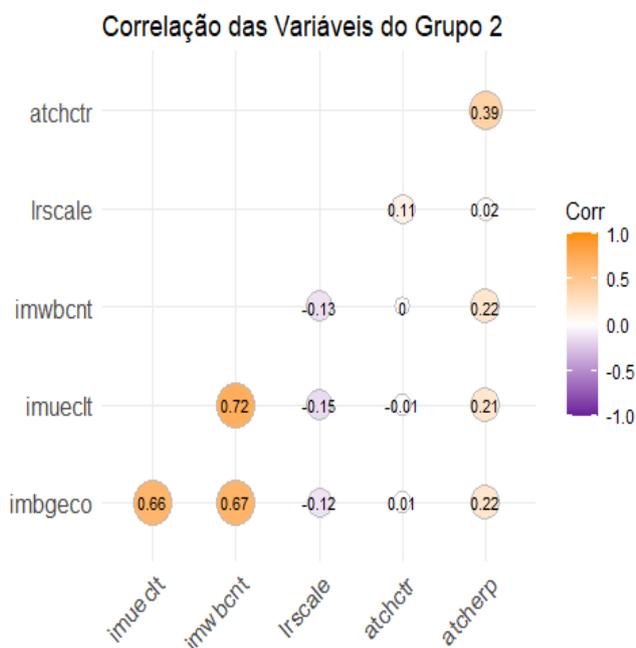
Figura 13 - Correlações das variáveis do grupo 1.



Como esperado, segundo Boomgaarden *et al* (2011), existe uma ponte entre a política nacional e a política europeia. Desta forma, vemos uma correlação média de 0.41 entre as variáveis *trstep* e *stfgov* e 0.42 entre a primeira variável e *stfdem*. Já as variáveis *stfdem* e *stfgov*, que medem satisfação com a democracia e satisfação com o governo, estas possuem uma correlação de valor alto de 0.65 e aqui também podemos trazer os achados de Boomgaarden *et al* (2011), já que observamos que uma maior satisfação com o governo gera maior satisfação com a democracia.

Além disso, podemos dizer que, na totalidade dos casos do ESS, aqueles que são governados por políticos de partidos eurocéticos ou populistas ou não, apresentaram uma forte correlação entre as duas variáveis.

Figura 14 – Correlações das variáveis do grupo 2.



Com o grupo 2, podemos observar na Figura 14 que as correlações mais fortes foram entre as variáveis que medem a percepção individual em relação a imigrantes. Para aprofundar mais a discussão, demonstramos a Figura x na próxima sessão que mostra a evolução destas variáveis por *round*.

3.3. Discussão

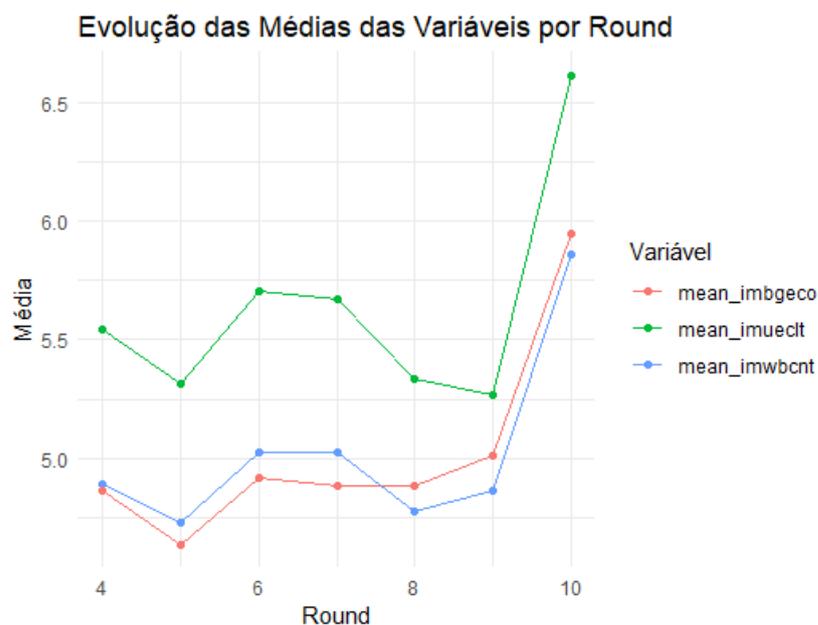
Nesta sessão, discutiremos os resultados obtidos frente às hipóteses levantadas no Capítulo 1. Podemos observar, nesse sentido, que a variável com maior valor médio é *imuect* (Figura 8), que mede se o respondente acha que a cultura do país é prejudicada ou enriquecida pela presença de imigrantes, sendo o valor 0 para “prejudicar” e 10 para “enriquecer”. Observamos, com isso, que em média os europeus mudaram sua visão sobre imigração nos dois momentos chave, após 2008 e após 2015.

Após a crise de 2008, as três variáveis sofreram queda em sua média, no entanto, após 2015 apenas a primeira variável sofreu queda e as outras duas aumentaram. Entre as três variáveis, a com menor média é a que mede se o respondente acha que a economia do país foi prejudicada pela presença de imigrantes. A partir do gráfico, vemos que a variável com menor média, no geral, foi a que pergunta se imigrantes tornam um país melhor ou pior lugar para

viver (*imwbcnt*). O único momento em que está variável pontua acima da média 5 é a partir de 2016, um ano após a crise dos refugiados.

Não podemos dizer com certeza que a crise pode ter modificado a percepção de europeus sobre imigrantes. Porém, podemos observar que este seria um ponto importante para a evolução da média da variável. Por outro lado, a variável que mede se o respondente acha que a imigração é boa ou ruim para economia, sempre esteve acima da média 5, e sua média mais baixa também foi após a crise de 2015. Diante dos dados, temos um paradoxo de que os europeus, após a crise de 2015, acham que a imigração se tornou um fator pior para a economia, ao mesmo tempo em que o país se torna um pouco melhor com a presença de imigrantes.

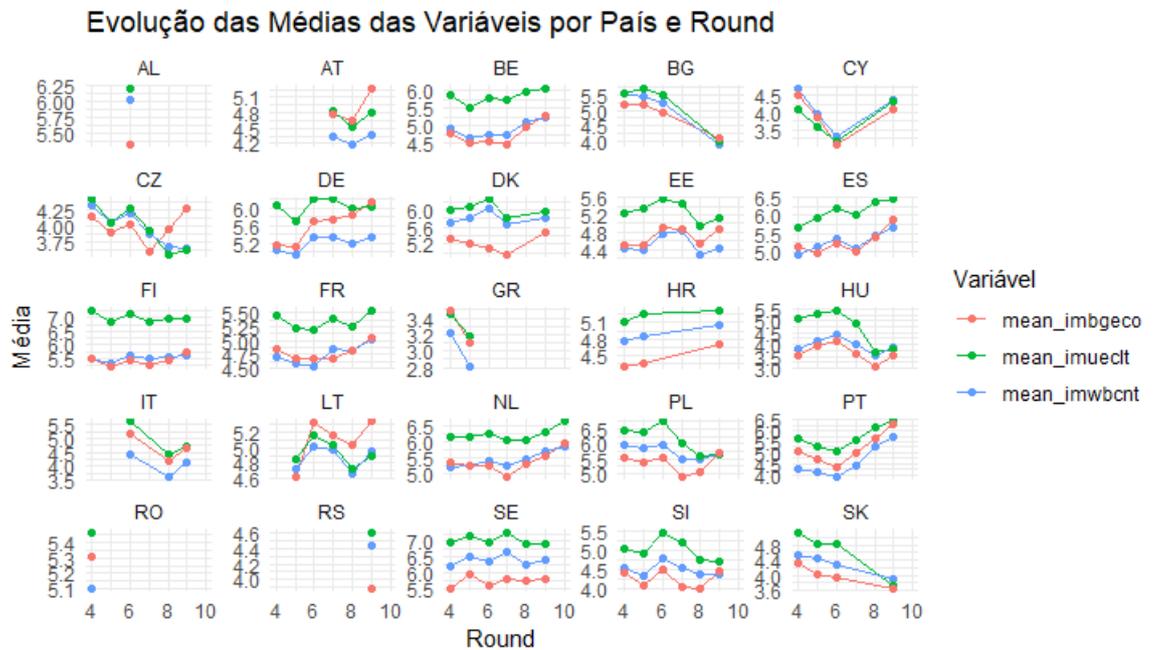
Figura 15 – Média *imbgeco*, *imueclt* e *imwbcnt*.



Diante da hipótese H2: espera-se encontrar uma evolução positiva nos dados referentes à aversão afetiva e difusa quanto à integração europeia, de maneira que foram usadas as variáveis acima para a medição do que seria a aversão afetiva e difusa, proposta por Boomgaarden *et al* (2011). Este tipo de aversão seria mais ligado a partidos e eleitores de direita, visto que seus sentimentos estão conectados à territorialidade e à soberania, assim, percepções em relação à imigração teriam maior influência nas atitudes destes indivíduos. No entanto, vale ressaltar, que mais análises precisam ser feitas para determinar de fato uma ligação causal entre a conceituação feita pelos autores, em um estudo com apenas eleitores

holandeses, e a percepção dos votantes da direita radical. A Figura 16 nos mostra a evolução das médias das variáveis acima por país e por *round*.

Figura 16 - Evolução das médias das variáveis por País e *round*.



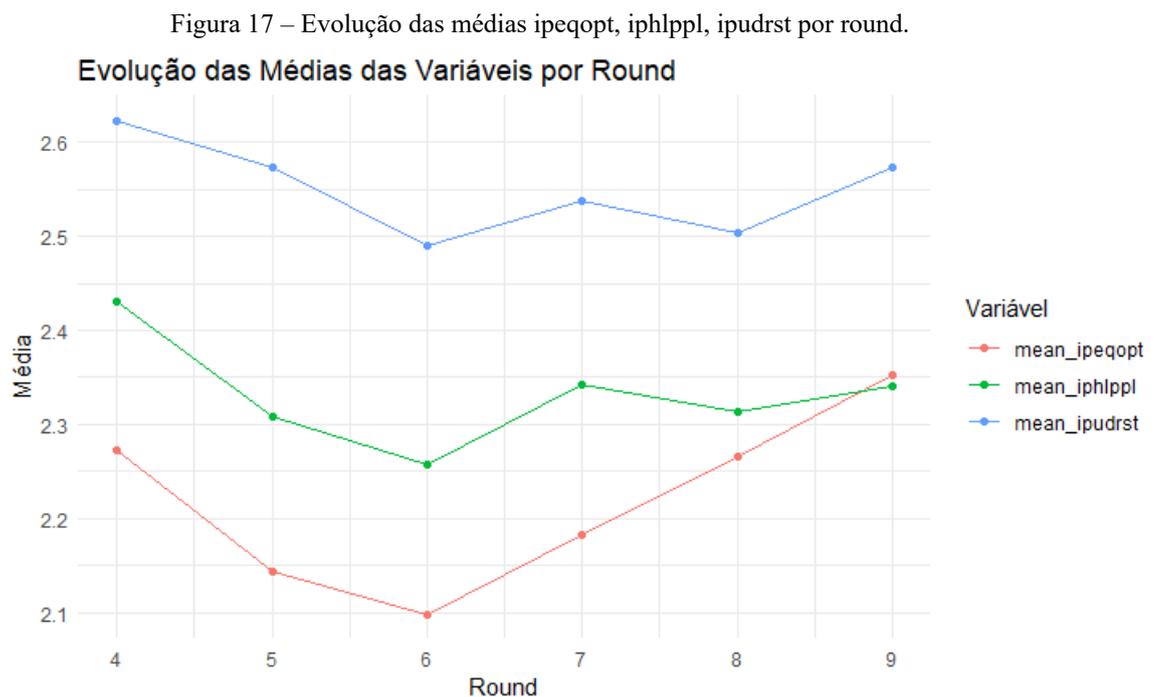
Agora, podemos observar os países com as maiores e menores médias. A Finlândia (FI) e a Suécia (SE) aparecem como os países com a maior média da variável *imueclt*, o que pode se esperar de países mais ao norte e que estão longe das principais rotas de imigração que saem do norte da África e Oriente Médio.

No primeiro e segundo *round*, vemos que a Grécia (GR) apresenta uma média muito baixa nas três variáveis, o que pode se esperar de um país banhado pelo Mar Mediterrâneo. Isso também nos leva à hipótese de que as médias são baixas pela presença do partido da Coligação da Esquerda Radical (Syriza), que se tornou o segundo maior partido na Grécia após as eleições parlamentares de 2012 e, em 2014, foi o partido com mais votos.

Contudo, a coalizão formada entre a esquerda e direita radical procurou afrouxar as normas para imigração irregular em solo grego, o que pode ter mudado também a percepção dos cidadãos sobre imigração (Tsourapas; Zatarloudis, 2022). As variáveis da figura acima também estão atreladas desta forma à H3: espera-se evolução positiva nos dados referentes à aversão utilitarista e específica em relação à integração europeia, porém, mais pesquisas que mostrem o contexto de cada país após as crises de 2008 e 2015 devem ser feitos para admitir a

relação entre as variáveis relacionadas à imigração e à presença de partidos de direita ou esquerda radical em cada país.

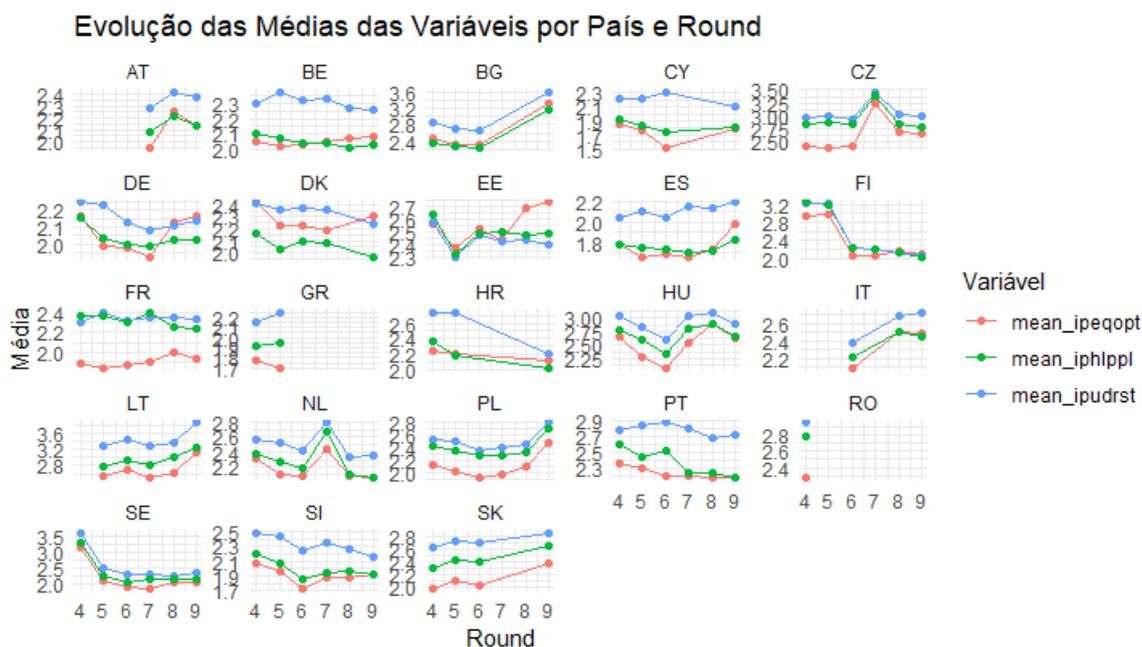
Diante da H3: espera-se evolução positiva nos dados concernentes à aversão utilitarista e específica em relação à integração europeia, de maneira que trouxemos a Figura 17 que mostra a evolução das médias das variáveis escolhidas para medir a aversão utilitarista e específica relacionada a eleitores da esquerda radical.



Observamos que a variável (*ipudrst*) que mede a importância de entender pessoas diferentes possui uma média que varia de 2.4 a 2.7, mostrando que em média as pessoas acreditam neste fato como parte representante da personalidade delas. Também, constatamos que a partir do quinto *round* a média vem abaixando, elucidando que cada vez mais as pessoas acreditam neste fato.

A variável (*iphlppl*) que mede sobre a importância de ajudar ao próximo e se importar com seu bem-estar também nos mostra que os europeus, em média, acreditam neste fato de forma consistente entre os *rounds* 5 e 7. A variável (*ipeqopt*) que mede se o respondente acha que é importante que as pessoas tenham oportunidades iguais também apresenta uma média baixa, mostrando-nos novamente que as pessoas, em geral, aceitam este fato como parte da personalidade delas. Ademais, observa-se a evolução por país e *round* na Figura 18.

Figura 18 – Evolução das médias ipeqopt, iphlpl, ipudrst por País e round.



Nesta figura, observa-se que a Bulgária (BG), República Tcheca (CZ) e Hungria (HU) apresentam as maiores médias no tocante às variáveis discutidas. Entre os anos de 2009 e 2019, GERB (*Grazhdani za evropeysko razvitie na Balgariya*) foi o partido mais votado, ganhando a maioria dos assentos no parlamento nacional da Bulgária¹¹. O partido apresenta uma posição pró-Europa em coalizão com o *European People's Party* no PE. Além disso, o partido se posiciona como centro direita. Já na República Tcheca, no período eleitoral de 2009 a 2014, o partido com mais votos e assentos no parlamento nacional foi o ODS (*Občanská Demokratická Strana*), que consiste em um partido conservador e eurocético com posições pró-mercado e de baixa intervenção estatal¹².

Por fim, a Hungria é governada desde 2009 pela coalizão Fidesz – KDNP, que apresenta uma posição eurocética e populista, de modo que a coalizão ganhou assentos com uma grande margem de vitória nos últimos resultados eleitorais¹³. Nos casos tcheco e húngaro, podemos observar a presença de partidos com posições conhecidamente eurocéticas, entretanto, a Bulgária aparece como um *outlier*, em que a posição do partido não condiz com os resultados médios das variáveis estudadas. As menores médias são de Cyprus, Grécia e Eslovênia, o caso grego já foi brevemente discutido na Figura 16, podemos imaginar que a

¹¹Para ver os resultados nacionais da Bulgária por ano eleitoral: <https://results.elections.europa.eu/en/national-results/bulgaria/2009-2014/constitutive-session/>.

¹²Para maiores informações do ODS: https://ecrgroup.eu/ecr/party/civic_democratic_party.

¹³Para ver os resultados nacionais da Hungria por ano eleitoral: <https://results.elections.europa.eu/en/national-results/hungary/2014-2019/constitutive-session/>.

presença do partido Syriza possa explicar a média baixa das três variáveis, já que quanto mais próximo de 0 vemos uma posição mais ligada à esquerda do espectro político.

No período eleitoral de 2009 a 2019, os partidos DISY (*Democratic Rally*) e AKEL (*Progressive Party of the Working People*) ganharam as eleições cyprianas em uma coalizão centro-direita e esquerda¹⁴, o que explica em partes os baixos resultados do país em relação às variáveis. Já na Eslovênia, de 2009 a 2019, o partido que ganhou as eleições foi o SDS (*Slovenska demokratska stranka*), o que explica a posição eslovena, uma vez que o partido busca promover democracia, paz e direitos humanos em seu manifesto¹⁵.

As médias mostradas na figura acima estão a favor da H3, cujos países com menores médias são governados por partidos de esquerda e em que relacionamos a crítica utilitarista e específica. Mais análises devem ser feitas em relação à posição de eleitores eurocéticos e populistas sobre as variáveis de interesse, porém, já podemos obter informações sobre as posições destes países. Quanto a H4: não existe diferença nos votos para partidos de direita radical ou esquerda radical, de maneira que apresentamos 3 figuras para exemplificar os resultados.

Figura 19 – Quantidade de votos de partidos de direita radical e esquerda radical.

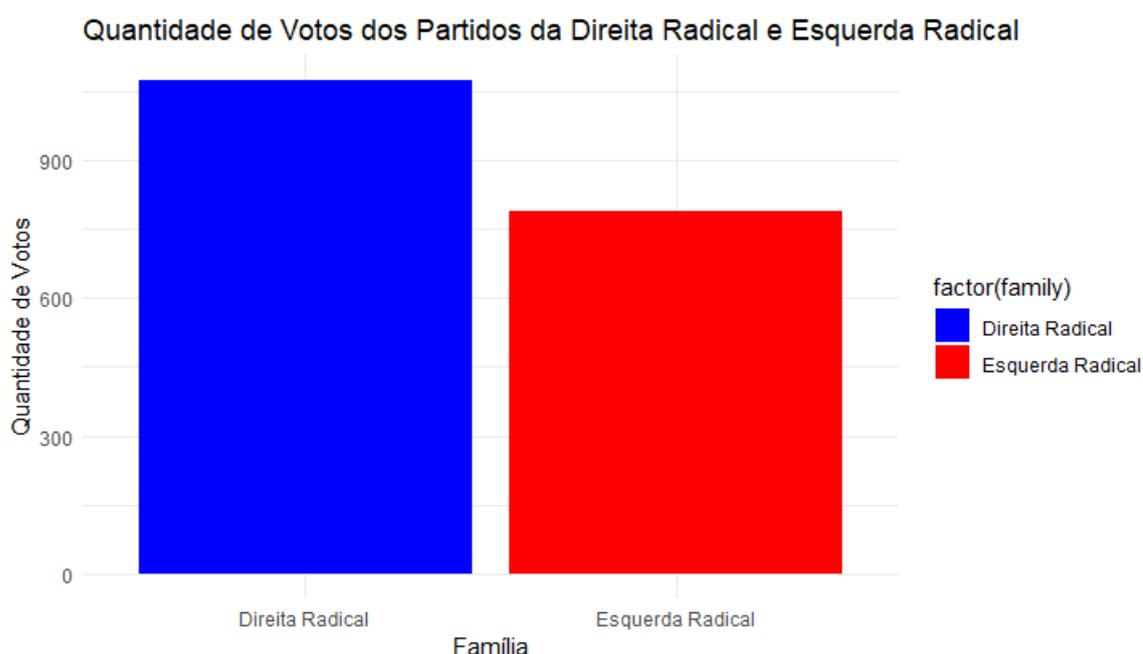


Figura 20 – 5 Países com mais votos para Partidos de Direita Radical.

¹⁴Para ver os resultados de Cyprus por ano eleitoral: <https://results.elections.europa.eu/en/national-results/cyprus/2014-2019/constitutive-session/>.

¹⁵Para maiores informações sobre o SDS: <https://www.sds.si/en/about-sds/identity-card>.

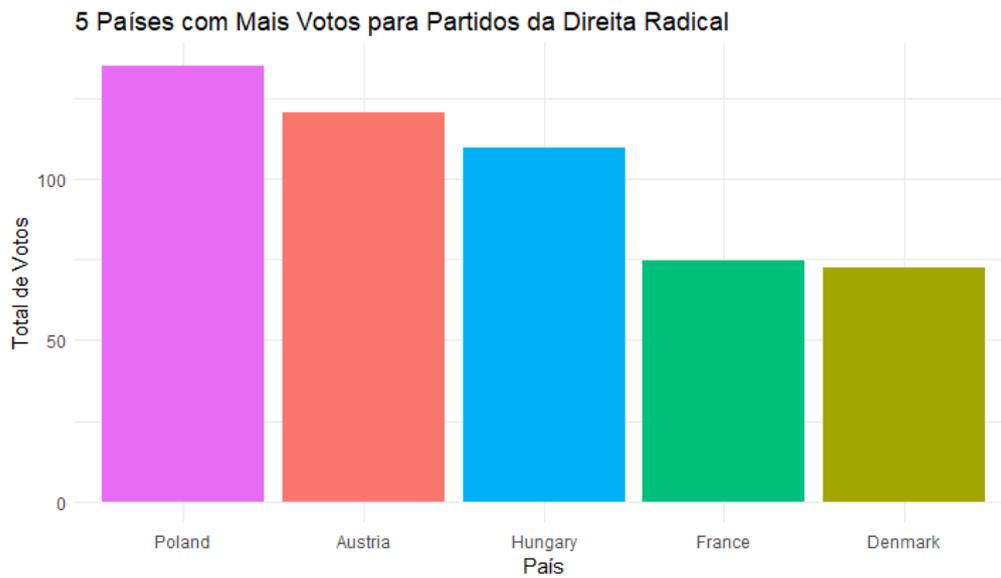
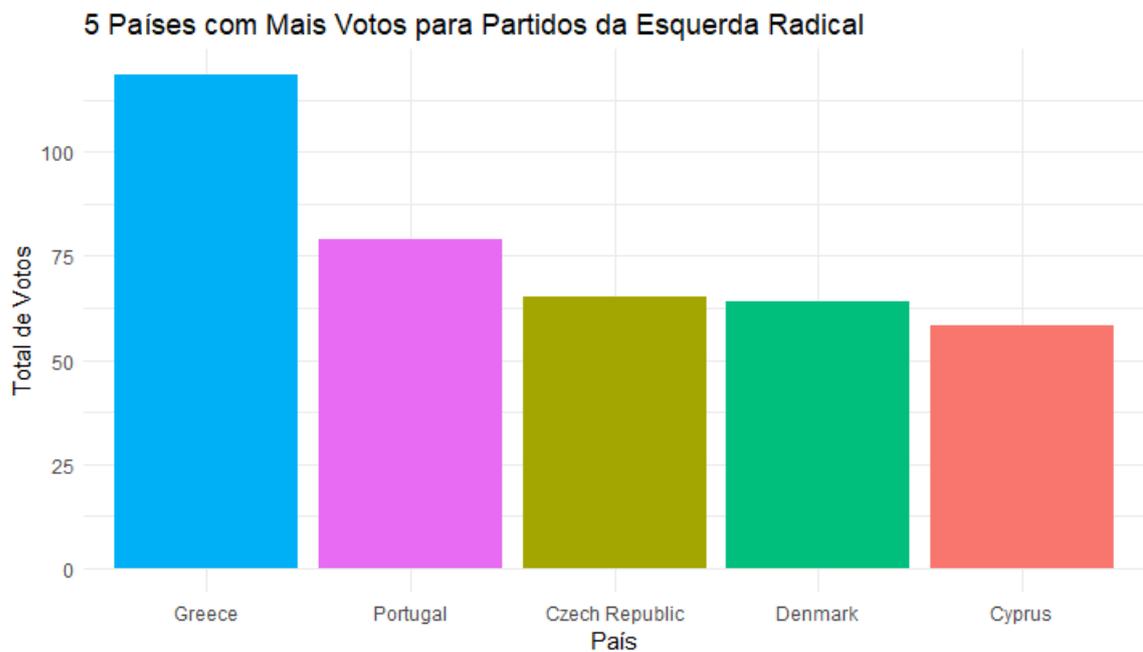


Figura 21 - 5 Países com mais votos para partidos de Esquerda Radical.



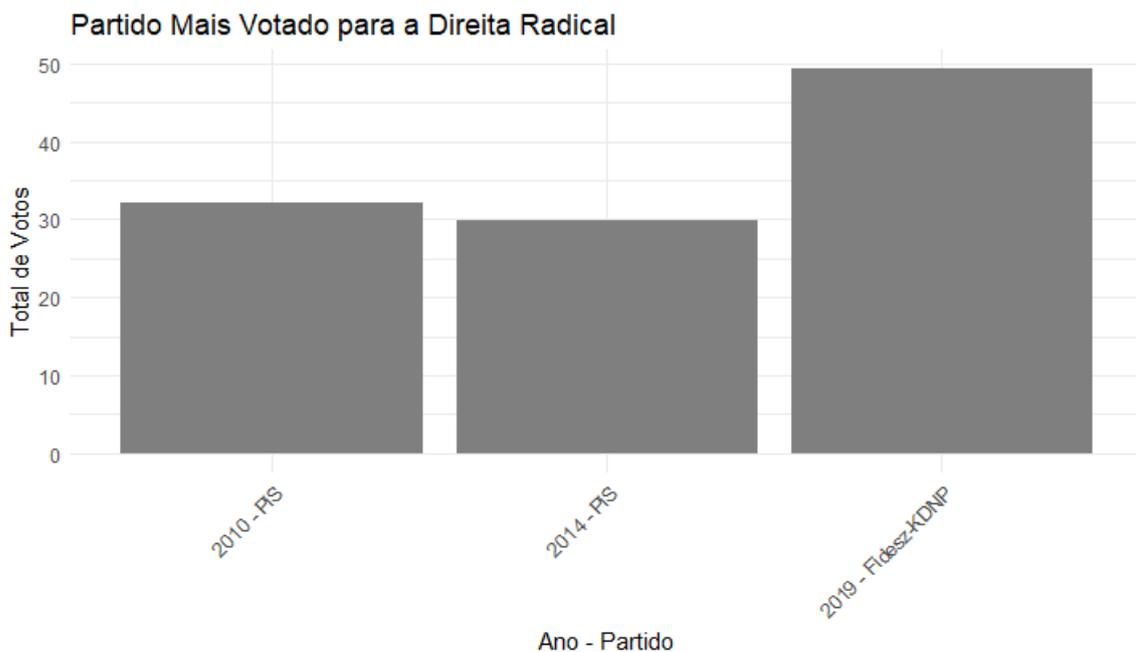
Na primeira figura, observamos que a direita recebeu pouco mais de 1 milhão de votos enquanto a esquerda pouco mais de 700 mil votos. A segunda e a terceira figuras nos mostram os países com mais votos para a direita radical e para a esquerda radical. Nestas figuras, podemos observar que a diferença parece ser muito pouca entre os dois países com mais votos da direita, a saber: Polônia e da esquerda, Grécia. Entre 2009 e 2019, a Polônia foi governada pelo PO (*Platforma Obywatelska*), que é um partido de centro-esquerda pró-Europa. Contudo,

desde 2009, o partido PiS (*Prawo i Sprawiedliwosc*) vem ganhando mais espaço na política polonesa sendo o segundo partido mais votado.

O PiS é um partido reconhecido por suas posturas populistas e eurocéticas, trazendo a dicotomia povo x elite em seu manifesto e posições políticas¹⁶. Podemos observar que os dois partidos mais votados nos dois grupos apresentam valores similares, mesmo que em outros países os partidos de direita radical sejam mais presentes.

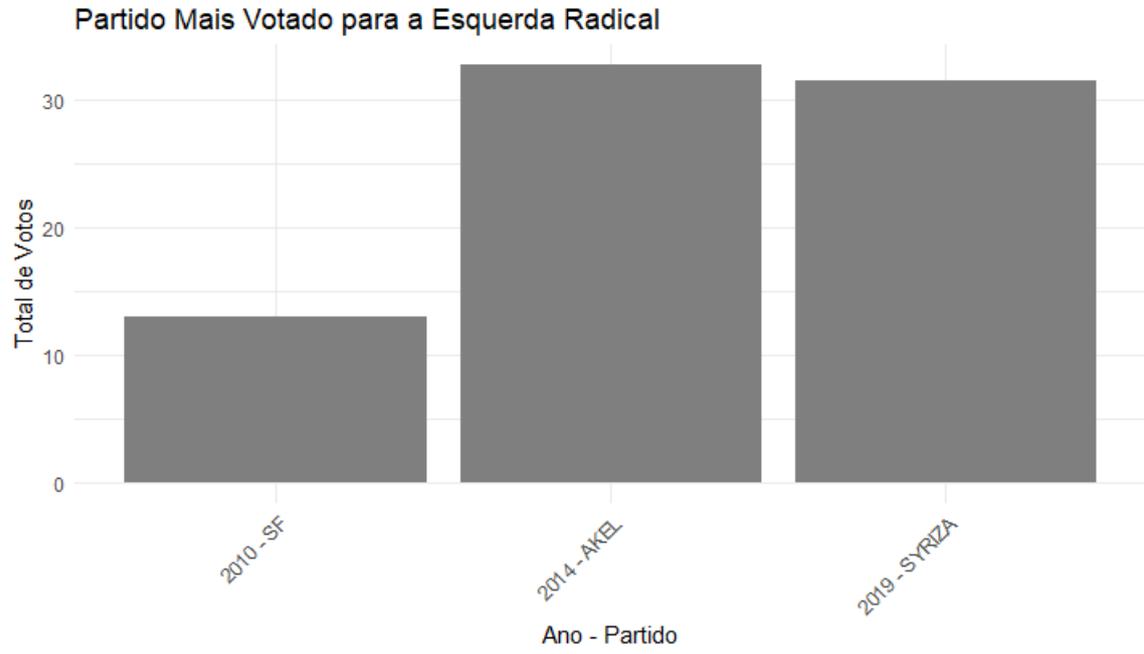
Na Figura 22, observamos os partidos de direita radical e esquerda radical mais votados por ano na UE. A Polônia e Hungria lideram os países com partidos de direita radical mais votados; já Dinamarca, Cyprus e Grécia apontam como países com mais votos para partidos de esquerda radical.

Figura 22 - Partido mais votado para a Direita Radical.



¹⁶Para mais informações sobre o PiS: <https://pis.org.pl/>.

Figura 23 - Partido mais votado para a Esquerda Radical.



CONCLUSÃO

O presente estudo tinha por objetivo responder a seguinte pergunta de pesquisa: como a presença de partidos eurocéticos e populistas de esquerda e direita radical afetam a construção de atitudes de cidadãos europeus? Pretendíamos analisar, desse modo, as facetas do euroceticismo e populismo frente à multidimensionalidade dos termos. Além disso, foram analisadas as evidências que corroboram, em parte, com as nossas hipóteses. O capítulo 1 mostrou as conceituações de euroceticismo quanto à agenda política europeia e as conceituações de populismo na contemporaneidade. O segundo capítulo apresentou a descrição dos dados e das variáveis analisadas. Por fim, o capítulo 3 trouxe os resultados diante das hipóteses elencadas.

A multidimensionalidade do termo “euroceticismo” traz consigo diversas conceituações relacionadas a períodos específicos para sua compreensão completa. Em princípio, euroceticismo significa a aversão completa ou parcial à UE. No entanto, referente a políticas específicas, podemos falar sobre euroceticismo político, institucional, euroceticismo de Thatcher, *hard/soft euroscepticism* e euroceticismo multidimensional. Diversos autores analisaram o euroceticismo de forma a elencar o tipo de aversão colocado pelo conceito. Já o populismo, este obteve muitas análises e conceituações referentes ao objeto de estudo, porém, para este estudo usamos a conceituação de Cas Mudde e Rovira Kaltwasser.

Os dados foram analisados pelo software de estatística R (4.3.0), bem como foram usadas análises de estatística para trazer gráficos que mostrem a evolução das variáveis a partir das escolhas metodológicas. Ademais, a análise exploratória dos dados serviu para mostrar a natureza das variáveis, suas correlações e distribuição por ano e país. Nesse sentido, os resultados obtidos corroboram em partes com as hipóteses de trabalho, contudo, são necessárias outras técnicas de estatística e modelagem para obtermos mais resultados a serem discutidos frente às hipóteses. De forma contrária, a análise exploratória também nos traz a possibilidade de novas hipóteses com os resultados obtidos, além da identificação de *outliers*.

A agenda de pesquisa concernente a atitudes e comportamentos individuais está, cada vez mais, presentes nos periódicos de pesquisa científica. Todavia, trabalhos de caráter exploratório poderiam ser mais presentes para mostrar a fundo a característica dos dados e as variáveis para a produção de novas hipóteses a serem testadas com outras abordagens metodológicas.

Referências

AKKERMAN, A; MUDDE, C; ZASLOVE, A. How Populist Are the People? Measuring Populist Attitudes in Voters. **Comparative Political Studies**, v. 47, n. 9, pp. 1 – 31, 2013.

BOOMGAARDEN, H; SCHUCK, A; ELENBAAS, M; VREESE, C. Mapping EU attitudes: BRACK, N; STARTIN, N. Introduction: Euroscepticism, from the margins to the mainstream. **International Political Science Review**, v. 36, n. 3, pp. 239 – 249, 2015.

BRAUN, D.; ADRIAN POPA, S.; SCHMITT, H. Responding to the crisis: Eurosceptic parties of the left and right and their changing position towards the European Union. **European Journal of Political Research**, v. 58, n.2, 2019.

BURNI, A. European Union Issues and Party Competition: How Does the Popularity of Extreme Right Parties Affect EU Positions of Mainstream Parties? **ECPR Joint Sessions**. 2018.

CANOVAN, M. Taking Politics to the People: Populism as the Ideology of Democracy. In: MÉNY, Y; SUREL, Y. **Democracies and the Populist Challenge**. Palgrave Macmillan, London, 2002.

BOOMGAARDEN, H; SCHUCK, A; ELENBAAS, M; VREESE, C. Conceptual and empirical dimensions of Euroscepticism and EU support. **European Union Politics**, v. 12, n. 2, 2011.

CRESPY, A; VERSCHEUREN N. From Euroscepticism to resistance to European integration: an interdisciplinary perspective. **Perspectives on European Politics and Society**, pp. 377–393, 2009.

CROWSON, N. **The Conservative Party and European Integration since 1954: At the Heart of Europe?** Routledge, 2009.

DE VRIES, C. **Euroscepticism and the future of European Integration**. Oxford, 2018.

EASTON, D. A Re-assessment of the Concept of Political Support. **British Journal of Political Science**. v. 4, pp. 435-457, 1975.

ELVERT, J. The institutional paradox: How Crises Have Reinforced European Integration. In: KUNHARDT, J. **Crises in European Integration: Challenges and Responses, 1945-2005**. Bergham Books, 2008.

EUROBAROMETRO. Public Opinion in the European Union. Disponível em: <https://europa.eu/eurobarometer/>

EUROPEAN PARLIAMENT – TREATY ON THE EUROPEAN UNION (TEU) / Maastricht Treaty. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/about-parliament/en/in-the-past/the-parliament-and-the-treaties/maastricht-treaty>

EUROPEAN SOCIAL SURVEY. ESS 1-9, European Social Survey Cumulative File, Study Description. Bergen: NSD - Norwegian Centre for Research Data for ESS ERIC. 2018. doi:10.21338/NSD-ESS-CUMULATIVE.

FITZGERALD, R; JOWELL, R. Measurement Equivalences in Comparative Surveys: The European Social Survey (ESS) – From Design to Implementation and Beyond. *In*: HARKNESS, J; BRAUN, M; EDWARDS, B; JOHONSON, T; LYBERG, L; MOHLER, P; PENNEL, B. E; SMITH, T. **Survey Methods in Multinational, Multiregional, and Multicultural Contexts**. Wiley, 2010.

FLOOD, C; SOBORSKI, R. Ideology and the Rights of the Nation in Party Alignments on the EU: A Comparison of Conservative Parties in Britain, France and Poland. **APSA 2011 Annual Meeting**, 2011.

FRANCONERI, S; PADILLA, L; SHAH, P; ZACKS, J; HULLMAN, J. The Science of Visual Data Communication: What Works. **Psychological Science in the Public Interest**, V. 22, N. 3, 110-161, 2021.

FREEDEN, S. **Ideology: A very short introduction**. Oxford, 2003.

GOLDER, M. Far right parties in Europe. **Annual Review of Political Science**, v. 19, 2016.

HALIKIOPOULOU, D; NANOU, K; VASILOPOULOU, S. The paradox of Nationalism: The common denominator of radical right and radical left euroscepticism. **European Journal of Political Research**, 2012.

HAWKINGS, K. KALTWASSER, C. What the (Ideational) Study of Populism Can Teach Us, and What It Can't. **Swiss Political Science Review**, v. 23, n. 4, pp. 526–542, 2017.

HAWKINS, K; RIDING, S; MUDDE, C. Measuring Populist Attitudes. **Political Concepts: Committee on Concepts and Methods Working Paper Series**, pp. 1 – 35, 2012.

HENLEY, J. Support for Eurosceptic parties doubles in two decades across EU. The HERNANDEZ, E. Europeans Views of Democracy. *In*: FERRÍN, M; KRIESI, H. (Ed.) **How Europeans View and Evaluate Democracy**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

HOBOLT, S; DE VRIES, C. Public Support for European Integration. **Annual Review of Political Science**, v. 19, pp. 413-432, 2016.

HONGYOU, K; SANDANIELO, V; OLIVEIRA JUNIOR, G. Análise de Componentes Principais: resumo teórico, aplicação e interpretação. **Engineering and Science**, v. 5, n. 1, 2015.

HOOGHE, L; MARKS, G. Does identity or economic rationality drive public opinion in European Integration? **Political Science and Politics**, v. 37, n. 3, 2004.

Guardian, 2 de março de 2020. This is Europe – European Union. Disponível em: THE guardian. Support for eurosceptic parties. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/02/support-for-eurosceptic-parties>.

JOST, J; Federico, T; NAPIER, J. Political ideology: Its structure, functions, and elective affinities. **Annual review of psychology**, v. 60, pp. 307-337, 2009.

JÚNIOR, J. Corra que o survey vem aí. Noções básicas para cientistas sociais. **Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social**, n. 6, pp. 07-24, 2013.

KALTWASSER, C; HAUWAERT, S. The populist citizen: Empirical Evidence from Europe and Latin America. **European Political Science Review**, v. 12, 2020.

KELLSTEDT, P; WHITTEN, G. **Fundamentos da Pesquisa em Ciência Política**, Blucher, 1 ed., 2015.

KING, G.; KEOHANE, R. O.; VERBA, S. Designing social inquiry: scientific inference in Kingdom. **Journal of Contemporary European Studies**, pp. 1-14, abril 2020.

KOPECKÝ, P; MUDDE, C. The Two Sides of Euroscepticism: Party Positions on European Integration in East Central Europe. **European Union Politics**, v. 3, 2002.

KRIESI, H; GRANDE, E; LACHAT, R; DOLEZAL, M; BORNSCHIER, S; FREY, TIMOTHEOS. Globalization and the transformations of the national political space: Six European Countries Compared. **European Journal of Political Research**, v. 45, n. 6, 2006.

KRIESI, H; SARIS, W; MONCAGATTA, P. The Structure of Europeans Views of Democracy. *In*: FERRÍN, M; KRIESI, H. (Ed.) **How Europeans View and Evaluate Democracy**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

LANDMAN, T. **Issues and Methods in Comparative Politics**. New York: Taylor & Francis Group, 2008.

LECONTE, C. From pathology to mainstream phenomenon: Reviewing the Euroscepticism debate in research and theory. **International Political Science Review**, v. 36, 2015.

LECONTE, C. **Understanding Euroscepticism**. Palgrave MacMillan, 2010.

LUBBERS, M; SCHEEPERS, P. Divergent trends on Euroscepticism in countries and regions of the European Union. **European Journal of Political Research**, v. 49, n. 6, 2010.

MARTON, S. Regimes, Parties, and Patronage in Contemporary Romania. *In*: KOVACS, J; TRENCSENYI, B. **Brave New Hungary: Mapping the System of National Cooperation**. Rowman & Littlefield, 2019.

MIRANDA, L. **Imigração, contato intergrupo e voto na direita radical europeia: uma análise multinível**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

MUDDE, C. The Populist Zeitgeist. **Government and Opposition**, v. 39, pp. 541-563, 2004.

MUDDE, C; KALTWASSER, C. **Populism: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MUDDE, C; KALTWASSER, C. **Populism: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

OSTIGUY, P. The Socio-Cultural, Relational Approach to Populism. *Partecipazione e Conflito*. **The Open Journal of Sociopolitical Studies**, v. 13, n.1, pp. 29 – 58, 2020.

OSUNA, J. From chasing populists to deconstructing populism: A new multidimensional approach to understanding and comparing populism. **European Journal of Political Research**, 2020.

PAEZ, A; BOISJOLY, G. **Discrete Choice Analysis with R**. Springer, 2022.

PARANHOS, R; FIGUEIREDO FILHO, D; CARVALHO DA ROCHA, E; DA SILVA. Corra que o survey vem aí. Noções básicas para cientistas sociais. **Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social**, n. 6, 2013.

PETERS, B; PIERRE, J. A typology of populism: understanding the different forms of populism and their implications. **Democratization**, v. 27, n. 2, pp. 928 – 946, 2020.

PRIBERAM Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/eur%C3%B3filo>.

REVILLA, M. Quality in unimode and mixed-mode designs: A multitrait-multimethod approach. **Survey Research Methods**, v. 4, n. 3, 2010.

ROODUIJN, M. State of the field: How to study populism and adjacent topics? A plea for both more and less focus. **European Journal of Political Research**, v. 58, n. 4, pp. 1 – 11, 2018.

SCHNAUDT, C; WEINHARDT, M; FITZGERALD, R; LIEBIG, S. The European Social Survey: Contents, Design, and Research Potential. **Journal of Contextual Economics**, v. 134, pp. 487-506, 2014.

SCZERBIAK, A; TAGGART, P. Researching Euroscepticism in European Party Systems: A Comparative and Theoretical Research Agenda. In: SCZERBIAK, A; TAGGART, P. **Opposing Europe? The Comparative Party Politics of Euroscepticism**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SETH, J; BAKKER, R; HOOGHE, L; MARKS, G. POLK, J *et al.* Chapel Hill Expert Survey Trend File, 1999-2019. **Electoral Studies**. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2021.102420>

STOCKEMER, D; NIEMANN, A; RABENSCHLAG, J; SPEYER, J; UNGER, D. Immigration, anti-immigrant attitudes and Euroscepticism: a meta-analysis. **Data, Measures and Methods**, v. 16, pp. 328-340, 2018.

SWEDBERG, R. Exploratory Research. In: ELAMN, C; GERRING, J; MAHONEY, J. **The Production of Knowledge: Enhancing Progress in Political Science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

TAGGART, P. A Touchstone of Dissent: Euroscepticism in Contemporary Western European Party Systems. **European Journal of Political Research**, v. 33, pp. 363-388, 1998.

TAGGART, P; SZCZERBIAK, A. Contemporary Euroscepticism in the party systems of the European Union candidates states of Central and Eastern Europe. **European Journal of Political Research**, v. 43, n. 1, pp. 1 – 27, 2004.

TALVING, L; VASILOPOULOU, S. Linking two levels of governance: Citizens' trust in domestic and European institutions over time. **Electoral Studies**, v. 70, 2021.

TIMBRO AUTHORITARIAN POPULISM INDEX: banco de dados. 2020. Disponível em: <https://populismindex.com/report/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TRATADO CECA. Tratado que institui a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA). Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/ALL/?uri=legissum:xy0022>

TREIB, O. Euroscepticism is here to stay: what cleavage theory can teach us about the 2019 European Parliament elections. **Journal of European Public Policy**, 2020.

TSOURAPAS, G; ZATARLOUDIS, S. Leveraging the European Refugee Crisis: Forced Displacement and Bargaining in Greece's Bailout Negotiations. **JCMS: Journal of Common Market Studies**, v. 60, 2022.

TUKEY, J. **Exploratory Data Analysis**. Adisson-Wesley, 1997.

VAN ELSAS, E.J; HAKHVERDIAN, A; VAN DER BRUG,W. United against a common foe? The nature and origins of Euroscepticism among left-wing and right-wing citizens. **West European Politics** v. 39, 2016.

VASILOPOULOU, S. Continuity and Change in the Study of Euroscepticism: Plus ça change. **Journal of Common Market Studies**, v. 51, n.1, pp. 1 – 16, 2013.

WAGNER, S. Euroscepticism as a radical left party strategy for success. **Party Politics**, v. 28, n. 6, 2021.

WELLINGS, B. Brexit, nationalism and disintegration in the European Union and the United. **Journal of Contemporary European Studies**, v. 29, 2021.

WEYLAND, K. Clarifying a Contested Concept: Populism in the Study of Latin American. **Comparative Politics**, v. 34, 2001.

ZASLOVE, A; GEURKINK, B; JACOBS, K; AKKERMAN, A. Power to the people? Populism, democracy, and political participation: a citizen's perspective. **West European Politics**, v. 44, n.4, pp. 1 – 26, 2020.